
O idealismo fenomenológico de Husserl: um estudo de *Ideias I*

Husserl's Phenomenological Idealism: A Study of Ideas I

DOI: 10.12957/ek.2024.81810

Allan Josué Vieira¹

Universidade Federal do Piauí

allan.vieira@ufpi.edu.br

RESUMO

O idealismo transcendental que Husserl assumiu como autocompreensão de sua fenomenologia sempre foi um dos tópicos de maior controvérsia de seu pensamento. Desde sua primeira aparição mais concreta, na grande obra de 1913, as *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*, o idealismo husserliano já foi objeto de diversas interpretações acerca de seu sentido. O presente estudo pretende argumentar em favor de um entendimento distinto da posição husserliana, compreendendo-a como um idealismo primordialmente fenomenológico. Para explicitar o significado dessa tese e dar-lhe substância, procederemos a uma análise da segunda seção de *Ideias*, a conhecida 'Consideração fenomenológica fundamental'. Assim, mostraremos que o idealismo, nessa obra, emerge como resultado necessário de uma orientação que é, desde seus inícios, já descritivo-fenomenológica, o que demarca um sentido *sui generis* para a posição de Husserl. Desse modo, a interpretação desenvolvida se coloca num lugar diferente das leituras que veem no idealismo husserliano uma tese metafísica ou, como contraposição, meramente epistemológica ou semântica.

Palavras-chave

Fenomenologia. Idealismo transcendental. Método fenomenológico. Husserl.

ABSTRACT

The transcendental idealism that Husserl assumed as the self-understanding of his phenomenology had always been one of the most controversial topics in his thought. Since its first more concrete appearance, in the great work of 1913, *Ideas for a Pure Phenomenology and a Phenomenological Philosophy*, Husserlian idealism has already been the object of different interpretations regarding its meaning. The present study intends to argue in favor of a different understanding of Husserlian position, understanding it as a primarily phenomenological idealism. To explain the meaning of this thesis and give it substance, we will proceed with an analysis of the second section of *Ideas I*, the well-known 'Fundamental Phenomenological Consideration'. Thus, we will show that idealism, in this work, emerges as a necessary consequence of an

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Piauí. Orcid: 0000-0002-8589-858X.

orientation which is, from its beginnings, already a descriptive-phenomenological one, which delimits a *sui generis* meaning for Husserl's position. In this way, the interpretation developed is placed in a different place than the readings that see in Husserlian idealism a metaphysical thesis or, as a counterpoint, a simply epistemological or semantic one.

Keywords

Phenomenology. Transcendental idealism. Phenomenological method. Husserl.

1 INTRODUÇÃO

Qual o *sentido* do idealismo da fenomenologia de Husserl? O que o torna inteligível enquanto posição filosófica? Seria ele compatível com uma filosofia que advogava um retorno 'às próprias coisas'? O que tais questões fazem não é nada senão espelhar o fato de que a orientação idealista de Husserl sempre foi um dos pontos mais controversos de seu pensamento, afigurando-se como alvo de uma miríade de interpretações, ora mais, ora menos discrepantes. Com efeito, desde suas primeiras insinuações, nos cursos de 1906-1907, a postura idealista causou surpresa e mesmo repulsa nos alunos de Husserl.² A partir do primeiro livro de *Ideias para uma fenomenologia pura*,³ de 1913, em que o idealismo fenomenológico ganhou contornos mais concretos, os intérpretes da obra husserliana ecoaram ainda mais o assombro inicial, propondo variados matizes para a compreensão da posição de Husserl.

Em especial, chama a atenção a profusão de leituras propostas pelos *scholars* a partir da segunda metade do século XX, bem como a retomada das discussões nos anos recentes. De modo geral, as interpretações podem ser alocadas sob dois grandes gêneros:⁴ as *metafísicas*, que veem no idealismo husserliano uma posição que priva o mundo de seu

² Como resultado da nova orientação, exposta nas 'Cinco Lições' de *A ideia da fenomenologia*, em 1907, os alunos que até então compreendiam a Fenomenologia numa chave realista, como uma análise de essências, manifestaram surpresa e contrariedade. O próprio Husserl indica tais relutância e incompreensão: "Era um novo começo, infelizmente não compreendido nem aceite pelos meus discípulos, como eu esperava. As dificuldades eram também demasiado grandes e não podiam ser superadas logo à primeira tentativa" (Husserl *apud* Biemel, 2008, p. 13). Sobre a não aceitação dos alunos, cf. Spiegelgerg, 1971, p. 170; Gadamer, 1976, p. 143-144; Rollinger; Sowa, 2003, p. X-XI. Ver, ainda, o relato de Ingarden em: Husserl, E. *Briefe an Roman Ingarden*. Mit Erläuterungen und Erinnerungen an Husserl. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1968, p. 109, p. 113.

³ Utilizamos a tradução para o português: Husserl, E. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Introdução geral à fenomenologia pura. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006. Também a cotejamos, quando julgamos necessário, com a edição original: Husserl, E. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Erstes Buch. Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1976a.

⁴ Nessa categorização sumária, empregamos as expressões utilizadas por Zahavi, (2017, p. 60ss) na discussão das relações entre fenomenologia e metafísica na obra de Husserl.

estatuto ontológico *de jure*, a fim de torná-lo tributário das operatividades constituintes da consciência, sob tons ora mais, ora menos fenomenalistas; e as *deflacionárias*, que advogam uma variante metafisicamente menos comprometida para a orientação transcendental da fenomenologia de Husserl, de modo que esta resultaria em algum tipo de idealismo semântico, epistemológico ou, no limite, numa espécie de análise de significados – por conseguinte, leituras metafisicamente neutras, compatíveis com diferentes teses metafísicas; por exemplo, com o realismo metafísico.⁵ Sem nos determos numa discussão pormenorizada desses dois grandes grupos de variantes exegéticas,⁶ apenas gostaríamos de indicar, a título de objeção, a reprimenda endereçada por Husserl às formas históricas tanto do idealismo quanto do realismo filosóficos: “Como de costume, eu considero toda forma usual do realismo filosófico um contrassenso de princípio, e não menos aquele idealismo ao qual ele se contrapõe em suas argumentações,

⁵ Essa consequência é apontada por Zahavi (2017, p. 63-64).

⁶ Indicamos, aqui, textos representativos das interpretações citadas. Trata-se de leituras e comentários clássicos ou mais recentes. Para as leituras metafísicas: De Palma, V. *Ist Husserls Phänomenologie ein transzendentaler Idealismus?* *Husserl Studies*, [s.l.], vol. 21, p. 183-206, 2005; Ingarden, R. *On the Motives Which Led Husserl to Transcendental Idealism*. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1975; Lavigne, J.-F. *Husserl et la naissance de la phénoménologie (1900-1913)*. Paris: PUF, 2005; Loidolt, S. *Transzendentalphilosophie und Idealismus in der Phänomenologie. Metodo. International Studies in Phenomenology and Philosophy*, [s.l.], Special Issue, n. 1, p. 103-35, 2015; Melle, U. *Husserls Beweis für den transzendentalen Idealismus*. In: Ierna, Carlo; Jacob, Hanne; Mattens, Filip. *Philosophy, Phenomenology, Sciences. Essays in Commemoration of Edmund Husserl*. Dordrecht/Heidelberg/London/New York: Springer, 2010, p. 93-106; Philipse, H. *Transcendental Idealism*. In: Smith, B.; Smith, D. W. (ed.). *The Cambridge Companion to Husserl*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 239-322; Smith, A. D. *Husserl and the Cartesian Meditations*. London/New York: Routledge, 2003. Para as leituras deflacionárias semânticas: Carr, D. *The Paradox of Subjectivity: The Self in the Transcendental Tradition*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1999; Crowell, S. G. *Husserl, Heidegger, and the Space of Meaning: Paths to Transcendental Philosophy*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2001; Sokolowski, R. *The Formation of Husserl's Concept of Constitution*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1970. Leituras deflacionárias epistemológicas: Ameriks, K. *Husserl's Realism*. *The Philosophical Review*, [s.l.], Vol. 86, No. 4, p. 498-519, oct. 1977; Bernet, R. *Husserl's Transcendental Idealism Revisited*. *The New Yearbook for Phenomenology and Phenomenological Philosophy*, [s.l.], v. 4, p. 1-20, 2004; Hardy, L. *Nature's Suit: Husserl's Phenomenological Philosophy of the Physical Sciences*. Athens: Ohio University Press, 2013; Holmes, R. *Is Transcendental Phenomenology Committed to Idealism?* *The Monist*, [s.l.], vol. 59, No. 1, p. 98-114, 1975; Sebold, R. *Continental Anti-realism: A Critique*. London/New York: Rowman & Littlefield, 2014; Tengelyi, L. *Der methodologische Transzendentalismus der Phänomenologie*. In: Ierna, Carlo; Jacob, Hanne; Mattens, Filip. *Philosophy, Phenomenology, Sciences. Essays in Commemoration of Edmund Husserl*. Dordrecht/Heidelberg/London/New York: Springer, 2010, p. 135-53; Wallner, I. *In Defense of Husserl's Transcendental Idealism: Roman Ingarden's Critique Re-examined*. *Husserl Studies*, [s.l.], vol. 4, issue 1, p. 3-43, 1987. Por fim, para as leituras deflacionárias que veem o idealismo de Husserl como uma análise de sentido: Hall, H. *Was Husserl a Realist or an Idealist?* In: Dreyfus, Hubert. L.; Hall, Harrison. (ed.). *Husserl, Intentionality and Cognitive Science*. Cambridge, MA: MIT Press, 1982, p. 169-90; Smith, D. W. *Husserl*. London/New York: Routledge, 2007.

que ele ‘refuta’” (Husserl, 1971, p. 151, tradução nossa).⁷ Ora, se tanto o realismo quanto o idealismo, segundo Husserl, são contrassensos, seguem-se dificuldades para coadunar de modo satisfatório as interpretações indicadas com as afirmações do próprio filósofo.

Frente à falta de consenso no que tange ao estatuto do idealismo de Husserl, nosso objetivo é apresentar uma opção interpretativa distinta, capaz de se mostrar fiel àquilo que podemos depreender da letra de Husserl, e que possa abrir novas possibilidades exegéticas a respeito do idealismo transcendental husserliano. Pretendemos mostrar que esse idealismo é, sobretudo, *fenomenológico*, pois derivado de um labor que é, desde seus inícios, já marcado por uma orientação propriamente fenomenológica. Isso quer dizer que o idealismo transcendental da fenomenologia não seria um tipo de tese metafísica; mas, tampouco redundaria em uma posição ‘meramente’ epistemológica ou semântica, requerendo, para sua adequada apreciação, categorias que lhe sejam apropriadas, e não enxertadas à força desde um espaço de discurso filosófico alheio à própria fenomenologia.

A fim de dar substância a essas afirmações, procuraremos explorar a ‘Consideração fenomenológica fundamental’ de *Ideias para uma fenomenologia pura*,⁸ texto que tem como objetivo abrir o caminho para o domínio e a problemática próprios à fenomenologia transcendental. Com efeito, nesta insigne seção vemos Husserl conduzir o leitor desde a postura característica da atitude natural até o limiar do campo a ser explorado sistematicamente pela fenomenologia, que se desnuda a partir do anúncio da dupla tese que sustenta o idealismo transcendental husserliano – o caráter absoluto da consciência e a relatividade do mundo da experiência – e da realização da redução fenomenológica. Além de conter os alicerces da orientação idealista da fenomenologia de Husserl, o texto de *Ideias I* exhibe de maneira profícua o aspecto descritivo-fenomenológico que pretendemos mostrar como essencial a ela. Desse modo, trata-se de um *locus* privilegiado para a investigação do estatuto do idealismo transcendental enquanto interpretação fenomenologicamente fundada do sentido da própria fenomenologia.

⁷ “*Ich nach wie vor jede Gestalt des üblichen philosophischen Realismus für prinzipiell widersinnig halte, nicht minder jeden Idealismus, zu welchem er sich in seinen Argumentationen in Gegensatz stellt, den er „widerlegt“*”.

⁸ Doravante, chamada de *Ideias I*.

Tendo em vista tal objetivo, o texto abaixo se organiza da seguinte forma: primeiramente, buscaremos caracterizar a orientação metodológica inicial de Husserl ao encetar o caminho para a instauração da fenomenologia enquanto ciência eidética dos fenômenos transcendentalmente purificados em *Ideias I*. Em seguida, exploraremos o modo como esse imperativo já nos coloca numa postura fenomenológica, a qual se desdobra em várias etapas nas análises de Husserl, até a assunção das teses idealistas e a realização da redução fenomenológica. Procuraremos, então, mostrar como esse percurso nos revela um idealismo *sui generis*, que se estabelece fenomenologicamente. Por fim, iremos contrapor nossos resultados aos pressupostos das leituras indicadas.

2 PREPARANDO O CAMINHO DA FENOMENOLOGIA: A DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA E O “PRINCÍPIO DE TODOS OS PRINCÍPIOS”

Ideias I surgiu no horizonte filosófico como a ponta de lança de um ambicioso projeto, o de apresentar a fenomenologia como “[...] uma ciência essencialmente nova, distante do pensar natural em virtude de sua peculiaridade de princípio [...]” (Husserl, 2006, p. 25). Essa ciência inédita deveria se configurar numa “[...] autêntica filosofia primeira, a primeira de todas as filosofias [...]” (Husserl, 2006, p. 29), pois todas as demais disciplinas filosóficas teriam nela sua fundação necessária e filosoficamente adequada. Esse ineditismo da ciência da fenomenologia encontraria sua exata medida no caráter igualmente inaudito de seu domínio próprio, que constituiria “[...] uma nova região do ser [*Seinsregion*] até agora não delimitada naquilo que lhe é próprio [...]” (Husserl, 2006, p. 83). É à abertura inicial e à delimitação desse domínio que são consagradas as análises que ocupam as densas páginas da ‘Consideração fenomenológica fundamental’, a segunda e crucial seção de *Ideias I*.

É a dimensão da tarefa de instauração de uma verdadeira filosofia primeira que exige desse trajeto inicial da fenomenologia uma necessária e primordial ausência de pressupostos. Com efeito, o direito de ser essa ciência filosófica fundante assenta na capacidade da fenomenologia em se erigir de maneira livre de toda preconceção, especialmente de ordem metafísica.⁹ O próprio desiderato científico, aos olhos de

⁹ Cf. Husserl, 2006, p. 144. Também no *Posfácio às Ideias*, Husserl deixa clara essa orientação: “Para mim, a Filosofia, segundo sua ideia, significa a ciência universal, e, em sentido radical, ciência ‘rigorosa’. Enquanto tal, ela é ciência a partir de uma fundamentação última, ou, o que quer dizer o mesmo, a partir da autorresponsabilidade última, na qual, então, nenhuma obviedade, predicativa ou pré-predicativa, atua como uma base de conhecimento não questionada.” (Husserl, 1971, p. 139, tradução nossa).*

Husserl, quando elevado à sua máxima potência e fiel a si mesmo, demanda tal postura, uma vez que “[...] ciência autêntica e autêntica ausência de preconceitos, que lhe é própria, exigem, como alicerce de todas as suas provas, juízos imediatamente válidos como tais, os quais tiram sua validade diretamente de *intuições originariamente doadoras*.” (Husserl, 2006, p. 62, grifo do autor). Enquanto filosofia que se pretende primeira, a fenomenologia deve, portanto, edificar-se sobre ‘intuições originariamente doadoras’, livres de todo recurso a qualquer outra ciência – trata-se de uma consequência do sentido próprio de uma ciência primeira, anterior e fundante para as demais, que ela não possa se apoiar nos saberes de outra ciência, seja esta qual for.

A questão que se impõe, então, é a do *como*: como fixar essa almejada ausência de pressupostos? Em se tratando da fenomenologia husserliana, a resposta mais óbvia parece ser: realizando a famosa redução fenomenológica. No entanto, seguindo o texto de *Ideias I*, vemos que a redução, embora anunciada nos §§ 31-32, somente será efetivamente posta em prática no § 50 e expressamente articulada em seus momentos nos §§ 56-61; ou seja, *após* a afirmação das teses idealistas, que ocorre no § 49. Assim, no estágio inicial do texto que precede o percurso até o idealismo, precisamos buscar nossa resposta em outra direção. A nosso ver, ela reside sob um título já bastante conhecido desde as *Investigações lógicas*:¹⁰ a *descrição fenomenológica*. Com efeito, numa observação posterior no texto de *Ideias I* (§ 30), Husserl aponta a respeito daquilo que fora apresentado nas seções iniciais da ‘Consideração’ (§§ 27-29):

O que apresentamos para a caracterização do dado na orientação natural e, com isso, para a caracterização dela mesma, foi um exemplo de descrição pura *anterior a toda ‘teoria’*. Uma vez que teorias significam aqui toda e qualquer espécie de preconcebimento, nestas investigações nós nos mantemos rigorosamente afastados delas (Husserl, 2006, p. 77, grifo do autor).

Assim, a descrição fenomenológica assume para si, nessas passagens iniciais, a tarefa de assegurar a buscada ausência de pressupostos. Uma boa maneira de compreender o que está envolvido no esforço descritivista de Husserl é contrapô-lo às abordagens

* “*Philosophie gilt mir, der Idee nach, als die universale und im radikalen Sinne ‘strenge’ Wissenschaft. Als das ist sie Wissenschaft aus letzter Begründung, oder, was gleich gilt, aus letzter Selbstverantwortung, in der also keine prädikative oder vorprädikative Selbstverständlichkeit als unbefragter Erkenntnisboden fungiert.*”

¹⁰ Husserl, E. *Investigações lógicas*. Segundo volume, parte I: Investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a.

positivista e empirista, criticadas pelo filósofo (*Ideias I*, §§ 19-20). A esse respeito, Benoist (1997, p. 199) fornece uma excelente chave de leitura:¹¹ ali onde o positivismo crê se manter longe de toda pressuposição de cunho metafísico não amparada pelo ‘dado’, é justamente onde ele se vê, embora inadvertidamente, mergulhado em pressupostos, pois sua fidelidade aos dados permanece saturada de realidade, num sentido metafisicamente realista.¹² É nesse ponto que a descrição fenomenológica, a orientação que reclama “[...] mostrar em intuição doadora originária e fixar por juízos que se ajustam fielmente àquilo que nela é dado.” (Husserl, 2006, p. 62), pretende ser absolutamente fidedigna àquilo que se dá, ao ‘puro dado’. Por isso Husserl (2006, p. 64, grifo do autor) pode afirmar que “[...] se ‘positivismo’ quer dizer tanto quanto fundação, absolutamente livre de preconceitos, de todas as ciências naquilo que é ‘positivo’, ou seja, apreensível de modo originário, então somos *nós* os autênticos positivistas.” A fenomenologia não interpõe nenhuma interpretação sobre o estatuto último daquilo que está dado de modo evidente, pois toda pressuposição sobre o estatuto metafísico daquilo que se dá é absolutamente irrelevante para a descrição do que gostaríamos de chamar, doravante, de ‘*o descrito enquanto tal*’. Nesse sentido, o lema fenomenológico que ditará o progresso do texto de *Ideias I* pode ser captado, novamente, nas belas palavras de Benoist (1997, p. 210, tradução nossa): “[...] descrever, e nada mais que descrever.”¹³ Conforme o mesmo autor detalha sobre o procedimento descritivista:

Antes de toda teoria há a doação, a evidência do dado ele mesmo, em virtude somente de seu ser-dado, que não é ainda um ser no sentido de um ser metafisicamente determinado, mas que, por isso mesmo, poderíamos dizer, é mais radical que o ser, se mantém aquém de toda questão que se poderia colocar em relação a ele e numa evidência

¹¹ É preciso apontar que a leitura de Benoist é dedicada às *Investigações*. No entanto, sua compreensão do procedimento descritivo e do que se torna por seu intermédio acessível já nos parece condizente com o nível alcançado em *Ideias I*, isto é, com uma compreensão propriamente transcendental do alcance da intencionalidade. A respeito da interpretação proposta por Benoist, esse também é o parecer de Zahavi (2017, p. 46-47).

¹² “O positivista poderia ser apresentado como o pensador embriagado de realidade, aquele que se deixa invadir e sobrecarregar pelo dado em sua positividade, sua plenitude de *res*, querendo enriquecê-lo sempre mais, sem se deixar inquietar por um único momento pelo que significa o fato de que ele seja dado (questão, então, desprovida de sentido)” (Benoist, 1997, p. 199, grifo do autor, tradução nossa).*

* (“*Le positiviste pourrait être présenté comme le penseur ivre de réalité, celui que se laisse envahir et encombrer par la donnée dans sa positivité, sa plénitude de res, voulant en thésauriser toujours plus, sans se laisser inquiéter un seul instant de ce que signifie le fait qu’elle soit donnée (question alors dénuée de sens)*”).

¹³ “*Décrire, et rien que décrire*”.

superior a ele, uma evidência que nada pode anular (Benoist, 1997, p. 235, tradução nossa).¹⁴

O que resulta dessa orientação que marca o início do percurso fenomenológico de *Ideias I* é a aceitação radical daquilo que se dá em si mesmo, cujo sentido enquanto objeto *de experiência* será resgatado num sentido filosófico profundo, intuitivamente comprovado, pois descritivamente liberto de toda compreensão alheia ao dado.

Como meio para garantir essa pureza descritiva, podemos identificar dois momentos interligados nas seções preparatórias de *Ideias I*. O primeiro, enunciado no § 18, configura-se como uma *epoché* filosófica, isto é, a resolução de “[...] *abster-nos inteiramente de julgar acerca do conteúdo doutrinal de toda filosofia previamente dada e efetuar todas as nossas comprovações no âmbito dessa abstenção.*” (Husserl, 2006, p. 59-60, grifo do autor) – passo metodológico que tem como resultado a interdição de todo juízo metafísico a respeito do estatuto daquilo que é dado. Agora, o que efetivamente nos interessa é o segundo esteio metodológico fixado por Husserl, como que num complemento do anterior: trata-se do bem conhecido “princípio de todos os princípios” (Husserl, 2006, p. 69). É na formulação deste imperativo metodológico que vemos traduzir-se de forma expressa o desiderato fenomenológico do retorno ‘às coisas mesmas’:

Nenhuma teoria imaginável pode nos induzir em erro quanto ao *Princípio de todos os princípios: toda intuição doadora originária é uma fonte de legitimação do conhecimento, tudo que nos é oferecido originariamente na “intuição”* (por assim dizer, em sua efetividade de carne e osso) *deve ser simplesmente tomado tal como ele se dá*, mas também apenas *nos limites dentro dos quais ele se dá* (Husserl, 2006, p. 69, grifo do autor).

Aqui, com a enunciação desse princípio, vemos serem estabelecidos o ímpeto e a regra geral da pureza descritiva da fenomenologia. Gostaríamos de chamar a atenção para a dupla valência desse imperativo. Por um lado, transparece a ideia de que as análises devem descrever aquilo que se dá, *tal como se dá* – toda tentação interpretativa que possa imiscuir algum conteúdo estranho ao dado deve ser descartada, a fim de que não se macule aquilo que está a cada vez dado. Mas, ainda, também importa notar que a

¹⁴ “*Avant toute théorie il y a la donation, l'évidence du donné lui-même, em vertu de son seul être-donné, qui n'est pas encore un être au sens d'un être métaphysiquement déterminé, mais qui, par là même, pourrait-on dire, est plus radical que l'être, se tient en deçà de toute question que l'on pourrait poser par rapport à lui et dans une évidence supérieure à lui, une évidence que rien ne peut annuler.*”

descrição deve ser fiel àquilo que se dá, e *nos limites em que se dá*. Aqui, temos a demarcação de um ponto limítrofe para toda asserção racional que possa se basear naquilo que aparece, tal como aparece. Desse modo, o princípio de todos os princípios emerge como uma salvaguarda cuja observância deve caucionar a marcha fenomenológica que deve instaurar a própria fenomenologia enquanto ciência dos fenômenos transcendentais.

Partindo dessas delimitações iniciais, a adoção do princípio de todos os princípios resulta numa orientação fenomenológico-intuitivista, em que o puro ‘ver’ conduzirá, em seu ápice, ao idealismo transcendental-fenomenológico. O ponto central será clarificar como Husserl espera que seu leitor se mantenha no âmbito descritivo *daquilo que está dado, enquanto está dado*.

3 A DESCRIÇÃO DA ATITUDE NATURAL E O ‘PERSPECTIVISMO’ DA FENOMENOLOGIA

A sequência do texto de *Ideias I* propõe uma descrição dos caracteres gerais do que Husserl chama de ‘atitude natural’, nossa orientação cotidiana, na qual encontramos o mundo sempre “à disposição” (Husserl, 2006, p. 73), ou seja, “como estando aí” (Husserl, 2006, p. 77). O que chama a atenção nesse movimento inicial da ‘Consideração’ é que ele já nos coloca em certa ‘perspectiva’, a qual será determinante para a irrupção posterior das teses idealistas. Logo ao início do § 27, já lemos que:

Iniciamos nossas considerações como homens da vida natural, representando, julgando, sentindo, querendo “*em atitude natural*” (*in natürlicher Einstellung*). Tornamo-nos claro o que isso quer dizer em meditações simples, que efetuamos em discurso em primeira pessoa (*Ichrede*) (Husserl, 2006, p. 73, grifo do autor, tradução modificada).

Esse ‘ponto de vista’ descritivo é aquele encontrado por uma reflexão voltada para a orientação em primeira pessoa, a perspectiva inalienável da experiência, da consciência *de* um mundo. As nuances do texto podem tornar mais evidente essa disposição, se considerarmos literalmente as palavras empregadas por Husserl: “*Ich bin mir einer Welt bewußt*” – “Eu sou *para mim* consciente de um mundo” (Husserl, 1976a, p. 56, grifo nosso, tradução nossa). O uso da fórmula no dativo (‘*mir*’ – ‘a mim’, ‘para mim’) denota a ideia capital de que eu *me faço consciente* de um mundo.¹⁵ Desde as linhas iniciais da

¹⁵ O uso da linguagem e o deslocamento do relato para o ponto de vista da experiência são indicados por Lavigne (2009, p. 59ss). No entanto, enquanto esse autor vê nesse movimento uma manobra ilegítima, pois ela solaparia o peso ontológico do mundo ‘em si’, nós preferimos ler nestas passagens a adoção de uma perspectiva já plenamente – e de direito – fenomenológica.

‘Consideração’, o mundo é tematizado como mundo que ‘vale’ para nós, como aquilo que se confirma a partir de certa perspectiva que é sempre subjetiva. Podemos cotejar essa leitura com um apêndice de Husserl a um de seus *Handexemplare* de *Ideias I*:¹⁶

Toda a consideração – que se inicia com o § 27 – realiza-se *na atitude natural*; realiza-a, falando mais claramente, cada um de nós na atitude natural, na qual **ele tem o mundo** em seu modo de doação circumundano, **para quem** ele simplesmente vale [...] Situemo-nos no ponto central: *o mundo é* – mas **que ele seja é algo que ainda é minha asserção**, e uma asserção legítima, tanto quanto **eu experiencie o mundo**. Se eu não tivesse nenhuma experiência do mundo, nenhuma percepção originária do mundo, na qual **o mundo me é dado como um presente “continuamente” vivo**, então “mundo” não seria para mim nenhuma palavra com sentido, e nenhuma asserção do mundo seria enunciada com um sentido legítimo (Husserl, 1976b, p. 599, itálico do autor, negrito nosso, tradução nossa)¹⁷.

Colocamo-nos numa postura em que as coisas nos são dadas *na* experiência, e *de acordo com* a experiência. O modo como Husserl articula as asserções que estabelecem o solo sobre o qual as análises seguintes se desdobrarão não é fortuita, permitindo que compreendamos *aquilo que se dá* precisamente como algo que se dá *na* e *pela* experiência. Veja-se, como outro exemplo, o que Husserl diz a respeito de suas intenções nessas seções iniciais de *Ideias I*:¹⁸

1. Introdução. O que eu, no que se segue, pretendo. 2. Orientação de pensamento natural e fenomenológica (ou, ainda, “ontológico”-real e “fenomenológica”). Descrição **da orientação de pensamento ontológica (real) e do que é nela dado** e que deve ser investigado. O campo das ciências ontológicas (reais) (Husserl, 1976b, p. 559, negrito nosso, tradução nossa).¹⁹

¹⁶ O texto foi redigido em 1929. Trata-se do apêndice 45 do volume de complementos ao texto de *Ideias I*. Cf. Husserl, E. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Erstes Buch. Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie. 2. Halbbande. Ergänzende Texte (1912-1929). Den Haag: Martinus Nijhoff, 1976b, p. 598-601.

¹⁷ “*Die gesamte Betrachtung — die mit § <27> anging — vollzog sich in der natürlichen Einstellung, vollzog, deutlicher gesprochen, jeder von uns in der natürlichen Einstellung, in der er die Welt in seiner umweltlichen Gegebenheitsweise hatte, in der sie ihm schlechthin galt [...] Stellen wir in den Mittelpunkt: die Welt ist — aber daß sie ist, ist doch meine Aussage, und rechtmäßige Aussage, sofern ich die Welt erfahre. Hätte ich keine Welterfahrung, keine ursprüngliche Weltwahrnehmung, in der mir Welt als ‘kontinuierlich’ lebendige Gegenwart gegeben wäre, so wäre Welt für mich kein Wort mit Sinn und keine Weltaussage aus<ge>sagt mit zu rechtfertigendem Seinssinn*”.

¹⁸ Trata-se da *Disposition* de agosto de 1912, que aparece como o apêndice 14 do volume de complementos a *Ideias I*. Cf. Husserl, 1976b, p. 559-560.

¹⁹ “*1. Einleitung. Was ich im weiteren beabsichtige. 2. Natürliche und phänomenologische Denkhaltung (oder auch ‘ontologisch’-real und ‘phänomenologisch’). Beschreibung der ontologischen (realen) Denkhaltung und des in ihr Gegebenen und zu Erforschenden. Die Felder der ontologischen (Real-) Wissenschaften*”.

O que propriamente é tomado como tema de descrição nesses parágrafos iniciais? Nada outro que uma ‘orientação de pensamento’, conjuntamente com seus correlatos (‘o que nela é dado’), aquilo que é dado nessa orientação e vale *como algo dado*. Não estamos diante da descrição de um pretense ‘em si’ – o que equivaleria a repetir as vivências originais da atitude natural (verdadeiro contrassenso!); mas, antes ocupamo-nos dos objetos *enquanto objetos de uma dada orientação de pensamento*, a saber, a ‘ontológica-real’, voltada de modo direto às coisas. Nesse sentido, a descrição nos situa já reflexivamente na perspectiva experiencial em primeira pessoa. É essa perspectiva fenomenológica encetada pelo tratamento descritivo que propomos compreender como: i) o polo de orientação a partir do qual se estabelece o fato de que *há experiência*, independentemente do que possa ser asserido acerca do estatuto metafísico daquilo que nela é dado;²⁰ ii) o ‘lugar’ em que se dá toda legitimação do ‘descrito enquanto tal’; iii) o limite de toda descrição (embora a ideia de um limite perca seu sentido posteriormente, pois não se trata de um ponto de vista arbitrário entre outros, mas do centro de orientação inultrapassável de toda experiência do mundo, e de uma consideração sua precisamente *enquanto perspectiva*).²¹

Importa notar que não resta nenhum vestígio de qualquer determinação metafísica que pudesse (ou devesse) balizar as descrições. Por exemplo, quando vemos Husserl dizer: “[...] tenho consciência de um mundo cuja extensão no espaço é infinda, e cujo devir no tempo é e foi infindo.” (Husserl, 2006, p. 73), ou que “[...] para mim, junto com os objetos percebidos atualmente, há objetos efetivos, como objetos determinados, mais ou menos conhecidos, sem que eles mesmos sejam percebidos ou até possam ser presentemente intuídos.” (Husserl, 2006, p. 73) – nada do que está sendo descrito precisa ser considerado sob uma chave realista, pois, como se depreende do texto, o discurso é sobre *algo do qual se é consciente*: “*Tenho consciência de que ele [o mundo] significa, sobretudo: eu o encontro em intuição imediata, eu o experimento.*” (Husserl, 2006, p. 73, grifo nosso). Todo o conteúdo do que é descrito resulta da aplicação do método descritivo, fixado como imperativo no princípio de todos os princípios. É nesse sentido que podemos

²⁰ Novamente, inspiramo-nos na leitura de Benoist (1997, p. 207), considerando-se a diferença dos respectivos objetos de análise – lá, as *Investigações*; aqui, *Ideias I*.

²¹ A ideia de que o idealismo transcendental de Husserl envolve certa forma de ‘perspectivismo’ (pois o ser-dado o é sempre a partir de alguma perspectiva, para quem a coisa se dá) está em Luft (2007). Adotamos, aqui, essa indicação, a fim de pensá-la a partir do movimento do texto de *Ideias I*.

compreender a afirmação posterior de que a fenomenologia precisa aplicar um método antes mesmo de todo método, antes de qualquer delimitação conceitual de seu próprio domínio, a qual poderia fundamentar procedimentos metodológicos acordes a alguma preconcepção de seus objetos (Husserl, 2006, p. 143-144). É precisamente esse emprego do método a um ‘algo’ cujo estatuto metafísico permanece indiferente e irrelevante para fins da descrição pura que irá se desdobrar e aprofundar seu sentido até a emergência do idealismo fenomenológico.

4 A ANÁLISE DA ‘CONSCIÊNCIA DE’ E O PROCEDIMENTO EM ZIGUEZAGUE

Após a fixação do ponto de vista descritivo, a sequência da ‘Consideração’ anuncia a possibilidade de princípio da *epoché* fenomenológica, tomada como uma alteração total da postura típica da atitude natural, na forma de uma suspensão de sua crença fundamental na efetividade do mundo da *realitas* espaço-temporal (§§ 31-32). No entanto, para além da possibilidade dessa modificação radical, é preciso demonstrar seus resultados, bem como a necessidade de sua realização, o que as seções seguintes do texto de Husserl devem nos mostrar.²²

Nesse ponto, as análises de Husserl assumem feições a um só tempo prospectivas e retrospectivas. De um lado, antevendo o resultado do domínio que restará a partir da efetivação da redução fenomenológica, qual seja, o da consciência pura, Husserl propõe levar adiante uma série de descrições dos caracteres gerais da consciência enquanto consciência *intencional*, isto é, ‘consciência de’:

Começamos por uma série de considerações no interior das quais não lidaremos com nenhuma *ἐποχή* fenomenológica. Estamos voltados, de maneira natural, para o “mundo exterior” e efetuamos, sem deixar a atitude natural, uma reflexão psicológica sobre nosso eu e seu viver. Exatamente como faríamos se nada tivéssemos ouvido do novo tipo de atitude, nós nos aprofundamos na essência da “consciência de algo”, na qual estamos conscientes, por exemplo, da existência das coisas materiais, dos corpos, dos seres humanos, da existência das obras técnicas e literárias etc. (Husserl, 2006, p. 85, tradução modificada).

De outro lado, também é preciso notar que as análises que seguirão irradiam de modo retrospectivo sobre o que fora demarcado nas seções anteriores, nas quais fomos

²² Essas metas da progressão do texto da ‘Consideração’ são apontadas por Brainard (2002, p. 57, p. 62, p. 66, p. 75-76).

colocados na perspectiva em primeira pessoa. Trata-se de explicitar traços fundamentais daquilo que já se fazia presente nas descrições iniciais. Veja-se, por exemplo, as descrições orientadas para o mundo da experiência que está ‘simplesmente aí’, com seu caráter de horizonte do experienciado a cada vez:

Para mim, junto com os objetos percebidos atualmente, há objetos efetivos, como objetos determinados, mais ou menos conhecidos, sem que eles mesmos sejam percebidos ou até possam ser presentemente intuídos [...] Mas tampouco o âmbito do que está copresente em intuição clara ou obscura, distinta ou indistinta, e que forma um círculo constante em torno do campo atual de percepção, esgota o mundo que tenho conscientemente “à disposição” a cada momento de vigília. Ele se prolonga, ao contrário, ao infinito, numa ordem do ser firmemente estabelecida. O atualmente percebido, o mais ou menos claramente copresente e determinado (ou ao menos razoavelmente determinado) é em parte impregnado, em parte envolto por um *horizonte de realidade indeterminada, de que se tem obscuramente consciência*. Com resultados variáveis, posso lançar sobre ele, como raios de luz, o olhar clarificador da atenção (Husserl, 2006, p. 73-74, grifo do autor).

Agora, comparemos com o que é expresso logo adiante no texto, já como uma análise reflexiva dos vividos e de seus objetos:

O apreender é um destacar, todo percebido se dá sobre um fundo de experiência [...] Toda percepção de coisa tem, assim, um halo de *intuições de fundo* (ou de visões de fundo, caso já se compreenda no intuir o “estar-voltado-para”), e este também é um “*vivido de consciência*” ou, mais brevemente, “consciência”, e mesmo consciência “*de*” tudo aquilo que está de fato contido no “fundo” objetivo cointuído [...] Reconhecemos então mais uma vez que faz parte da essência de todos esses vividos – eles mesmo sempre tomados em plena concreção – aquela notável modificação que converte a consciência no *modo do “estar voltado para” atual* para a consciência no *modo da inatualidade*, e vice-versa. O vivido é, por assim dizer, ora consciência “*explícita*”, ora consciência implícita, meramente *potencial*, de seu objeto (Husserl, 2006, p. 87-88, grifo do autor).

O que fora descrito antes numa linguagem ainda geral e não plenamente determinada – mas já enunciado desde uma perspectiva fenomenológica – ganha feições mais bem delineadas, como uma análise da experiência na qual se é consciente de objetos, ou seja, uma descrição abarcada pelo par *cogitatio-cogitatum*.²³ O que aparecia como um prolongamento do âmbito no qual as coisas estão ‘simplesmente aí’ é retomado na forma de uma descrição da experiência consciente na qual esse horizonte se dá como um fundo,

²³ Cf. Husserl, 2006, p. 86-87.

mais ou menos determinado, que circunda os objetos (no sentido o mais lato possível) justamente enquanto objetos *de* consciência.

O que se revela nesse movimento ao mesmo tempo adiante e ‘para trás’ é outro caráter do método fenomenológico, a saber, o procedimento em *zigzague* das análises fenomenológicas, já anunciado nas *Investigações* e operante ainda no período tardio do pensamento husserliano, na *Crise das ciências europeias*.²⁴ Nesses textos, embora os objetivos da aplicação do método sejam distintos, Husserl explica que se trata de um efetivo labor fenomenológico em ato, cujos avanços devem gerar resultados que são aplicados aos próprios inícios, e a nova clareza conquistada nesse retorno deve se refletir nos novos avanços, e assim por diante.²⁵ Nas *Investigações*, ao indicar as dificuldades relativas à clarificação gnosiológica dos conceitos da lógica pura, conceitos estes que já teriam que ser utilizados na própria tarefa de clarificação, Husserl explica a estratégia a ser adotada:

A investigação move-se, portanto, por assim dizer, em zigzague; e esta imagem é tanto mais adequada quando, em virtude da íntima dependência dos diferentes conceitos do conhecimento, temos de retornar sempre de novo às análises originais e comprová-las nas novas, tanto como as novas nelas (Husserl, 2012a, p. 15).

Muito embora em *Ideias I* o método não seja designado de ‘zigzague’, há alusões a ele nos §§ 63 e 65, que discutem, respectivamente, a “[...] especial importância das considerações metodológicas para a fenomenologia.” (Husserl, 2006, p. 143) e as “[...] remissões da fenomenologia a si mesma.” (Husserl, 2006, p. 145). Nestas seções que refletem sobre a centralidade do aspecto metodológico para o trabalho fenomenológico, testemunhamos Husserl apontar que a fenomenologia deve operar a partir de um primeiro emprego – algo ainda ‘ingênuo’ – de seu procedimento descritivo-intuitivo, pois lhe falta a familiaridade com os dados do domínio a ser explorado própria das ciências da atitude natural (Husserl, 2006, p. 143-144). Com essa utilização de um “[...] método *antes* mesmo de todo método de determinação das coisas [...]” (Husserl, 2006, p. 144, grifo do autor), os resultados iniciais obtidos constituem a base para “[...] a

²⁴ Husserl, E. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b.

²⁵ No caso das *Investigações*, trata-se da tarefa de uma elucidação gnosiológica dos conceitos fundamentais da lógica pura; em *Crise*, o que se busca é a clarificação do avanço da história da ciência moderna, responsável pelo esquecimento da experiência originária do mundo da vida. Cf. Husserl, 2012a, p. 15; 2012b, p. 46.

reflexão científica sobre a essência do próprio procedimento [...]", a qual assume, conseqüentemente, "[...] a função de uma fundação geral e logicamente rigorosa do método." (Husserl, 2006, p. 146). Ou seja, o método fenomenológico deve fundar (prospectivamente) e justificar (retrospectivamente) a si mesmo, descerrando o caminho para o avanço das análises, e, com este avanço, ratificar seu ponto de partida. Esse movimento de 'vai e vem' se mostra essencial ao trabalho fenomenológico, como sugere Kohák (1978, p. 53, tradução nossa): "Tanto quanto nós estejamos fazendo fenomenologia, a maneira de 'ir além' é olhar novamente, com uma precisão maior".²⁶ Avançar fenomenologicamente quer dizer olhar novamente para as mesmas coisas, mas de uma perspectiva descritivamente mais rica. Esse modo de proceder é captado de modo adequado pelas palavras de Sandmeyer (2009, p. xii, tradução nossa), que o qualifica como uma "retrospecção progressiva",²⁷ na qual as descrições iniciais abrem um horizonte de novos dados, que, por seu turno, clarificam retrospectivamente os dados iniciais, os quais, então, lançam novas luzes sobre o que surge ulteriormente – e assim por diante (Sandmeyer, 2009, p. 19-20). Nesse sentido, podemos compreender o que ocorre no decurso das análises empreendidas em *Ideias I* a partir do comentário desse autor sobre o papel do método em ziguezague na obra:

Nenhum termo, no interior da fenomenologia, permanece imune ao problema ao qual o método em ziguezague deve resolver. Cada sentença no discurso natural (isto é, não fenomenológico) exige uma reinterpretação. Na verdade, esta exigência está no coração do famoso princípio de todos os princípios de Husserl, de que toda intuição originária de alguma doação – tal como ela dá a si mesma na consciência – é uma fonte legitimadora de conhecimento (Sandmeyer, 2009, p. 22, tradução nossa)²⁸.

O princípio de todos os princípios não se resume, portanto, a um simples 'ver' tudo aquilo que se oferece à atenção do fenomenólogo, mas envolve também um constante e essencial 'ver novamente', o qual assume o estatuto de uma validação crítica e contínua do próprio método. Nesse sentido, o ziguezague das descrições não é nada

²⁶ "As long as we are doing Phenomenology, the way to 'go beyond' is to look again, with greater precision".

²⁷ "Progressive retrospection".

²⁸ "No term within phenomenology stands immune from the problem which the zigzag method is meant to address. Every sentence in natural (i.e., non-phenomenological) discourse demands re-interpretation. Indeed, this demand stands at the heart of Husserl's famous principle of all principles that every originary intuition of some givenness – as it gives itself in consciousness – is a justifying source of cognition".

outro que o emprego fenomenologicamente legítimo do princípio de todos os princípios. Desse modo, podemos constatar como a análise da ‘consciência de’ efetuada nas seções 34 a 38 de *Ideias I* se constitui numa primeira aplicação do método em ziguezague àquilo que lhe precedera no texto: ela representa um ‘olhar de novo’, um ‘ver com maior atenção’ o que fora extraído das descrições iniciais acerca da atitude natural.

Alcançado esse novo nível descritivo, o resultado das investigações sobre a natureza intencional da consciência resulta na afirmação da unidade essencial dos vividos, o que também significa o fechamento eidético da consciência sobre si mesma – o que já prenuncia a posterior assunção da separabilidade de princípio entre consciência e realidade (entendida como a totalidade do âmbito dos objetos espaço-temporais):

Uma unidade determinada puramente pelas essências próprias dos vividos mesmos é, exclusivamente, a unidade do fluxo de vividos, ou, o que é o mesmo, um vivido só pode estar vinculado a vividos num todo cuja essência completa abranja as essências próprias desses vividos e esteja neles fundada (Husserl, 2006, p. 93).

Obviamente, o estabelecimento dessa tese por Husserl nos endereça imediatamente ao problema da relação entre vividos de consciência e realidade, questão que fixa a direção da sequência do texto de *Ideias I*.

5 A RELAÇÃO FENOMENOLÓGICA ENTRE CONSCIÊNCIA E MUNDO

O próximo estágio da argumentação husserliana se estende pelos §§ 39 a 46, e pode ser compreendido em três movimentos sucessivos: a colocação da questão sobre o vínculo entre o fluxo dos vividos e a *realitas* (§ 39), o recurso às experiências imanente e transcendente (§§ 40-43) e a declaração do caráter absoluto do dado na primeira e contingente do que é dado na última (§§ 44-46).

A fim de responder à problemática dupla da ligação entre consciência e realidade – de um lado, os vividos parecem encontrar seu fundamento no estrato material da realidade, formando com este um misterioso entrelaçamento; de outro, os vividos são sempre referidos ao mundo, apresentando por essência a remissão a algo como seu objeto²⁹ –, Husserl recorre àquilo que ele entende como o árbitro último para toda questão

²⁹ Cf. Husserl, 2006, p. 79-80.

relativa ao mundo material, a experiência pela qual conhecemos o mundo e nos inserimos nele:

Para chegar à clareza sobre isso, investiguemos **a fonte última de que se nutre a tese geral do mundo que estabelecemos na atitude natural**, a qual possibilita que **eu encontre, na forma de consciência**, um mundo material existente diante de mim, que eu me atribua um corpo neste mundo e que eu mesmo nele me insira. Essa fonte última é, manifestamente, a *experiência sensível*. Para nossos fins basta, porém, considerar a *percepção sensível*, que num certo bom sentido desempenha, entre os atos de experiência, o papel de uma experiência originária, da qual todos os atos de experiência tiram uma parte capital de sua força fundante (Husserl, 2006, p. 94-95, itálico do autor, negrito nosso).

Esse apelo à experiência sensível nada mais representa que um recurso renovado ao princípio de todos os princípios, no qual se estabelece um padrão de racionalidade para todos os juízos que possam ser asseridos sobre o mundo. A injunção husserliana demanda que a descrição expresse aquilo que se dá nesse tipo de experiência, captando de forma fidedigna seu conteúdo precisamente enquanto objeto de experiência – o uso da qualificação do mundo material como *aquilo que encontramos ‘na forma de consciência’* na experiência sensível não é, a nosso ver, fortuita. Reforça-se a orientação já fenomenológica das análises, cujo sentido ganha novas camadas a cada inflexão do movimento em ziguezague, que resulta numa contínua aplicação reiterada do princípio de todos os princípios. No caso em questão, trata-se de atestar pela experiência os modos como se dão realidade e vivido, enquanto objetos de suas respectivas experiências, com o fito de ratificar a separabilidade de princípio entre ambos.

De início, Husserl deixa de lado a discussão sobre o estatuto da “[...] coisa da ciência física [...]” (Husserl, 2006, p. 96), a qual seria o substrato de determinações matemáticas, absolutamente transcendente ao domínio da intuição sensível (§§ 40-41). Dedicando-se à análise do que se dá intuitivamente como objeto da percepção, Husserl estabelece a lei eidética segundo a qual todo objeto dado no espaço, a ‘coisa’ (*Ding*), necessariamente se dá por perfis, nunca numa intuição capaz de dar o objeto de modo completo e exaustivo (§§ 41-42). Dessas primeiras análises, Husserl retira, de modo aparentemente precipitado, uma conclusão a respeito do estatuto da coisa dada na percepção: “A coisa no espaço [...] *nada mais é que uma unidade intencional*, a qual só pode ser dada, por princípio, como unidade de tais modos de aparecer.” (Husserl, 2006, p. 102, grifo nosso). Apesar da precocidade de tal conclusão, impõe-se como inevitável

perceber notas que já fazem ressoar a tese idealista do caráter relativo dos objetos reais em relação à consciência, pois o objeto não seria nada além da unidade intencional de seus múltiplos modos de aparição. Do mesmo modo, faz-se igualmente necessário considerar se Husserl já estaria autorizado pelas análises conduzidas nesse exíguo espaço do texto a sustentar expressamente uma afirmação que nos coloca no limiar do idealismo.

A dificuldade pode ser mais bem compreendida ao considerarmos uma objeção levantada por Lavigne (2009, p. 262-278) acerca do trecho em discussão. Para esse comentador, Husserl operaria aqui um verdadeiro truque de prestidigitação, realizando um ‘salto’ ilegítimo, o qual se configuraria como uma “redução ontológica”³⁰ (Lavigne, 2009, p. 271, tradução nossa), na forma de uma “diminuição ontológica”³¹ (Lavigne, 2009, p. 174, tradução nossa) do estatuto metafísico da coisa em proveito da preparação de um terreno propício à assunção posterior da tese idealista. Segundo Lavigne, nos trechos entre os §§ 41 e 42 de *Ideias I*, Husserl colocaria em prática uma passagem ilícita de uma série de considerações ontológicas – relativas à coisa ‘ela mesma’ – para determinações concernentes somente ao objeto enquanto correlato de consciência – ou seja, determinações da coisa ‘para nós’; passagem que seria mediada pela redução eidética (a consideração do objeto em seu *eidós*, sua essência, e não como ‘este objeto aqui’ factual), que retiraria do objeto toda “a *efetividade do ser*”³² (Lavigne, 2009, p. 272, grifo do autor, tradução nossa). Assim, o que deveria ser conduzido por Husserl como uma análise *ontológica*, relativa a determinações *a priori* da coisa da natureza, seria substituído por uma análise *psicológico-intencional*, tornando a coisa um mero correlato de consciência – transformação que seria injustificada, segundo o ponto de vista de Lavigne (2009, p. 260-261, p. 271-274, p. 276-278). Essa mutação ilícita de caracteres ontológicos em psicológico-intencionais se traduziria numa forma de “protorredução transcendental”³³ (Lavigne, 2009, p. 277, tradução nossa), pois operaria a identificação a um mero correlato intencional daquilo que, de acordo com o próprio conteúdo eidético da percepção, seria um ‘em si’ ontologicamente independente da consciência, condição solapada sem maiores justificações. Consequentemente, essa manobra ilegítima seria o fundamento oculto do idealismo de *Ideias I*, pois ela configuraria “[...] o procedimento

³⁰ “[...] *réduction ontologique*”.

³¹ “[...] *diminution ontologique*”.

³² “[...] *l’effectivité de l’être*”.

³³ “[...] *proto-réduction transcendantale*”.

reduutivo clandestino pelo qual Husserl pode suscitar a *ilusão lógica* de uma transição contínua e necessária da posição ontológica da consciência natural do mundo ao idealismo transcendental das *Ideen*.” (Lavigne, 2009, p. 277, grifo do autor, tradução nossa).³⁴ Ou seja, o núcleo da crítica de Lavigne reside em ver, no trajeto desenvolvido por Husserl, uma mutação inexplicável de descrições que seriam, em seu princípio, ontológicas, em análises de cunho psicológico-intencional – o que permitiria, então, tratar a coisa dada na percepção como a unidade intencional de um múltiplo de perfis constitutivos de aparições distintas.³⁵

Com efeito, as indicações reiteradas de que as análises em questão desvelam *necessidades de essência*, portanto, derivadas de leis eidéticas,³⁶ podem induzir que se entenda o que Husserl está dizendo sob um registro ontológico, no sentido das ontologias regionais, voltadas à determinação *a priori* do que convém necessariamente aos objetos das diferentes regiões ontológicas.³⁷ Fosse esse o caso, a crítica de Lavigne seria acertada, pois o relato husserliano envolveria a recondução de uma região a outra, a saber, a região dos objetos materiais à região da consciência, entendida não como consciência transcendental, mas como uma região no mundo, a consciência psicológica.³⁸ No entanto, gostaríamos de retomar o sentido em que Husserl havia proposto que se retornasse “[...] à fonte última de que se nutre a tese geral do mundo [...]” (Husserl, 2006, p. 94), tomada como pedra de toque das descrições que se seguem no texto. Como indicamos, trata-se de um reforço e aprofundamento da orientação fenomenológica das análises, conforme o que é prescrito pelo princípio de todos os princípios e pelo método em ziguezague. Assim, as passagens em questão podem ser compreendidas de modo mais satisfatório como *eidético-fenomenológicas*, e não eidético-ontológicas. As análises não dizem respeito a objetos individuais enquanto instâncias ‘em si’ de espécies e gêneros pertencentes às ontologias, mas a espécies e gêneros sob os quais caem esses indivíduos enquanto *objetos intencionais*, como correlatos de consciência, o que envolve também uma análise dos

³⁴ “[...] *le procédé réductif clandestine par lequel Husserl peut susciter l’illusion logique d’une transition continue et nécessaire, de la position ontologique de la conscience naturelle du monde à l’idéalisme transcendental de Ideen*”.

³⁵ Ressaltamos que a reconstrução básica das ideias de Lavigne desenvolvida aqui tem suas limitações, impostas pelos nossos objetivos e pelo espaço disponível. Recomendamos a leitura de seu belo estudo sobre *Ideias I*: Lavigne, J.-F. *Accéder au transcendental ? Réduction et idéalisme dans les Idées I de Husserl*. Paris : Vrin, 2009.

³⁶ Cf. Husserl, 2006, p. 97, p. 98, p. 99, p. 100.

³⁷ Cf. *Ideias I*, §§ 16 e 17.

³⁸ Cf. Lavigne, 2009, p. 260.

vividos nos quais as objetividades concernidas aparecem. Isso transparece, por exemplo, logo na sequência do texto, quando Husserl faz uma remissão às análises recém empreendidas: “Em geral, já se pode ver que, de qualquer gênero que seja, o ser transcendente, **entendido como ser para um eu** [*Sein für ein Ich*], só pode entrar como dado de maneira análoga a uma coisa, portanto, somente mediante aparições.” (Husserl, 2006, p. 104, itálico do autor, negrito nosso). O objeto transcendente, aqui, é tomado como ‘*ser para um eu*’, como objetividade que se anuncia como transcendente nos vividos de consciência, e não como portador de uma transcendência metafísica absoluta.

A fim de darmos maior lastro a nossa leitura, também é interessante atentar para o programa delineado por Husserl ainda no § 33, logo após o anúncio do sentido da *epoché* fenomenológica:

Mantemos, pois, o olhar firmemente voltado para a esfera da consciência e estudamos o que *nela* encontramos de modo imanente. Antes de tudo, ainda sem a suspensão fenomenológica do juízo, submetemo-la a uma análise *eidética* sistemática, embora ainda não de todo exaustiva. Aquilo de que indispensavelmente precisamos é certa evidência geral sobre a essência da *consciência em geral*, e muito particularmente também **daquela consciência na qual, por sua essência, se é consciente da efetividade “natural”**. Seguiremos nestes estudos até onde for necessário para levar a cabo a evidência que buscávamos, a saber, a evidência *de que a consciência tem em si mesma um ser próprio, o qual não é atingido em sua essência própria absoluta pela exclusão fenomenológica*. A consciência remanesce, assim, como “*resíduo fenomenológico*”, como uma espécie própria por princípio de região do ser, que pode, com efeito, tornar-se o campo de uma nova ciência – a fenomenologia (Husserl, 2006, p. 84, itálico do autor, negrito nosso, tradução modificada).

O que temos nessa passagem programática para a ‘Consideração’ é a reafirmação do ponto de vista da consciência, da perspectiva segundo a qual a efetividade natural é algo de que se é consciente, pois o objeto das análises é indicado como sendo a consciência em geral, e, mais especificamente, a consciência na qual o mundo se manifesta. Mais: também importa notar que a prescrição desse programa se estende “[...] até onde for necessário [...]” para que a consciência seja mostrada como portadora de “[...] *um ser próprio, o qual não é atingido em sua essência própria absoluta pela exclusão fenomenológica*.” (Husserl, 2006, p. 84, grifo do autor). Ora, o ponto do texto em que essas evidências são trazidas à tona são os §§ 49-50, nos quais o caráter absoluto da consciência é demonstrado e a redução fenomenológica finalmente é efetivada. Assim,

toda a ‘Consideração’ é uma peça cujas análises estão sob a égide de descrições legitimamente fenomenológicas, o que inclui, *a fortiori*, os trechos sob consideração (§§ 41-42). No entanto, é preciso notar que a aparente flutuação entre análises ontológicas e fenomenológicas não é fortuita, mas enraizada na natureza mesma da tarefa à mão para Husserl, qual seja, a abertura do domínio fenomenológico. Isso é enfatizado no célebre artigo de 1933 de Eugen Fink, subscrito pelo próprio Husserl.³⁹ Segundo Fink (1970, p. 122, tradução nossa), nessa altura do texto nos encontramos no “instável estágio de transição”⁴⁰ entre as atitudes natural e fenomenológica-transcendental. Estritamente sobre os trechos discutidos, Fink (1970, p. 121) explicita que Husserl opera uma transformação – e aqui acrescentamos: plenamente, e de direito, *fenomenológica* – do sentido tradicional vinculado aos termos em discussão. Conforme o antigo pupilo de Husserl explica:

Em *Ideias*, Husserl via diante de si a tarefa de, antes de tudo, antecipar esta salvaguarda [*Sicherung*] metodológica [a respeito da relação entre imanência e transcendência como ponto de partida das análises] por meio da caracterização da diferença entre imanência e transcendência como uma diferença de *intencionalidade* [...] A análise intencional da doação do imanente frente à doação do transcendente não é de modo algum o “critério” para seus conceitos definitivos, mas apenas apresenta **a transformação de sua diferença tradicional (concebida primariamente como uma diferença de regiões) em uma diferença intencional** (Fink, 1970, p. 121, itálico do autor, negrito nosso, tradução nossa).⁴¹

As discussões propostas por Husserl devem ser compreendidas em seu registro próprio, a saber, *fenomenológico*; e as leis eidéticas daí derivadas como fruto de necessidades *eidético-fenomenológicas*. Só esse nível das análises pode conduzir ao objetivo da ‘Consideração’, a saber, a delimitação da consciência pura (§ 33, §§ 39), uma vez que esta seria “[...] a protocategoria [*Urkatégorie*] do ser em geral (ou, no nosso linguajar, a protorregião [*Urregion*]), na qual radicam todas as outras regiões do ser.” (Husserl, 2006, p. 165), e não uma região entre outras, resultado inescapável se

³⁹ Utilizamos a tradução para o inglês: Fink, E. The Phenomenological Philosophy of Edmund Husserl and Contemporary Criticism. In: Elveton, R. O. (ed.). *The Phenomenology of Husserl*. Chicago: Quadrangle Books, 1970, p. 73-147.

⁴⁰ “[...] *unstable transitional stage*”.

⁴¹ “*In the Ideas Husserl saw before him the task of first of all anticipating this methodological assurance by characterizing the difference between immanence and transcendence as a difference of intentionality [...] The intentional analysis of the givennes of the immanent over and against the givenness of the transcendence is in no way a formulation of the ‘criterion’ for their definitive concepts, but only presents the transformation of their traditional difference (meant primarily as a difference of regions) into an intentional one*”.

estivéssemos operando no nível das ontologias materiais. Desse modo, reforçamos nossa ideia de que as análises realizadas com o fito da purificação da consciência são já fenomenológicas, o que assegura que não estamos diante de uma ‘pré-redução clandestina’, uma ‘diminuição ontológica’ do estatuto dos objetos descritos, uma vez que, afinal, estes são tomados enquanto objetos de experiência.

6 A DIFERENÇA FENOMENOLÓGICA FUNDAMENTAL ENTRE CONSCIÊNCIA E REALIDADE

Uma vez compreendido o movimento orquestrado por Husserl nas seções precedentes de *Ideias I*, o mesmo sentido das análises nos ajudará na compreensão dos passos seguintes, fulcrais para o que o texto logo anunciará: a separabilidade da consciência em relação ao mundo natural. Para essa nova etapa, a discussão gira em torno dos diferentes modos de doação da coisa real e do vivido de consciência, ou seja, entre as percepções *transcendente* e *imaneente*. Essas diferenças mostram que ao passo que aquela é marcada por suas contingência e relatividade, esta última ostenta um caráter absoluto:

De qualquer gênero que seja, o ser transcendente, entendido como ser *para* um eu, só pode entrar como dado de maneira análoga a uma coisa, portanto, somente mediante aparições [...] O *vivido* [*Erlebnis*], dissemos, não se exhibe. Isso implica que a percepção de vivido é vista simples de algo *dado* [*gegeben*] (ou a ser dado) *como “absoluto” na percepção* e não como o idêntico em modos de aparição por perfil (Husserl, 2006, p. 104-105, grifo do autor).

Paralelamente a essa dissimetria dos modos de doação, Husserl não tarda a extrair a conclusão mais aguda para o posterior estabelecimento das teses do idealismo transcendental, a saber, a diferença fundamental entre consciência e realidade:

De tudo isso resultam consequências importantes. Toda percepção imanente garante necessariamente a existência [*Existenz*] de seu objeto. Se a apreensão reflexiva se dirige a meu vivido, apreendi um “algo ele mesmo” absoluto, cuja existência não pode por princípio ser negada, ou seja, é impossível por princípio a evidência de que ele não seja; seria um contrassenso tomar por possível que um vivido *assim dado* na verdade *não* seja [...] Faz parte de todo fluxo de vivido, e do eu como tal, a possibilidade de princípio de alcançar essa evidência; todos trazem em si mesmos a garantia de sua existência absoluta como possibilidade de princípio (Husserl, 2006, p. 108, grifo do autor).

Em contraposição a isso, faz parte, como sabemos, da essência do mundo de coisas que nenhuma percepção, por perfeita que seja, dê um absoluto em sua esfera, e a isso está essencialmente ligado que toda

experiência, por mais ampla que seja, deixa aberta a possibilidade de que o dado [*das Gegebene*] não exista, a despeito da consciência constante da presença dele mesmo em carne e osso. Vale aqui a seguinte lei eidética: a existência da coisa jamais é uma existência exigida como necessária pela doação, mas de certo modo é sempre contingente. Quer dizer: sempre pode ser que o transcurso posterior da experiência obrigue a abrir mão daquilo que já está posto com legitimidade experiencial (Husserl, 2006, p. 109, grifo do autor, tradução modificada).

À tese do mundo, que é uma tese “contingente”, contrapõe-se, portanto, a tese de meu eu puro e da vida do eu, que é uma tese “necessária”, pura e simplesmente indubitável. Toda coisa dada em carne e osso também pode não ser, mas não um vivido [Erlebnis] dado em carne e osso: tal é a lei de essência que define essa necessidade e aquela contingência (Husserl, 2006, p. 109, grifo do autor).

O que já se prenunciava nos passos anteriores das análises encontra sua confirmação expressa: a doação por perfis da coisa do mundo só pode nos dar algo de relativo e contingente, enquanto a doação imediata do vivido à percepção imanente fornece um dado absoluto, cujo ser não pode ser posto em xeque. Conforme Husserl explica: “Nisso se anuncia justamente a diferença de princípio dos modos de ser [*Seinsweisen*], a diferença mais cardinal que existe em geral, a de *consciência e realidade* (Husserl, 2006, p. 100, grifo do autor).

Antes que expressões como ‘existência’ e ‘modo de ser’ extraviem a compreensão desses trechos, é preciso manter em foco o sentido fenomenológico das análises. A esse respeito, o título do § 44 se mostra bastante instrutivo. Na redação original, lemos: “O mero *ser* fenomenal do transcendente, o *ser* absoluto do imanente” (*Bloß phänomenales Sein des Transzendenten, absolutes Sein des Immanenten*) (Husserl, 2006, p. 103, grifo nosso) – fraseado que, efetivamente, parece impingir ao relato que se segue um tom substancialmente metafísico. Contudo, o *Handexemplar* de Husserl, anotado entre 1913 e 1929,⁴² apresenta uma correção do título, que passaria a constar do seguinte modo: “O mero *ser-dado* [*Gegebensein*] fenomenal do transcendente, o *ser-dado-como-absoluto* [*als-Absolutes-gegeben-Sein*] do imanente” (Husserl, 1976b, p. 494, grifo nosso). E, logo em seguida, tem-se a observação: “Título! É mostrado que a transcendência só é *dada*, por princípio, como fenômeno; o imanente, no entanto, como ‘absoluto’” (Husserl,

⁴² Cf. Husserl, 1976b, p. 477-478.

1976b, p. 494, grifo nosso)⁴³. O que estas correções mostram é que a oposição ocorre entre os *modos de ser dado* de transcendente e imanente, o que indica determinações de cunho fenomenológico, e não ontológico ou metafísico. A distinção apontada é aquela existente entre um ‘ser-dado’ relativo e fenomenal e outro ‘ser-dado’ como absoluto. Não é preciso, aqui, avançar nenhuma implicação metafísica substancialista para o que Husserl está apresentando.

Além disso, podemos trazer à baila o sentido de várias expressões empregadas nos trechos em discussão. Por exemplo, no mesmo § 44, ao considerar a indeterminação de princípio da doação do transcendente, dada a necessidade de um horizonte sempre aberto de aspectos que são codados, Husserl explica que “[...] o sentido dessa indeterminidade é mais uma vez prescrito pelo sentido geral da *coisa percebida em geral e como tal* [*Dingwahrgenommenen überhaupt und als solchen*], por exemplo, pela essência geral desse tipo de percepção que chamamos percepção de coisa.” (Husserl, 2006, p. 104, grifo nosso). Aqui, é clara a referência à análise eidética da ‘coisa *percebida em geral e como tal*’, e não de uma suposta ‘coisa em si’, cujas determinações seriam ontológicas. A descrição se constitui sempre a partir do ponto de vista fenomenológico, que, por sua vez, mostra-se como uma tematização da perspectiva experiencial e do que aí se dá, *enquanto tal*. Isso se mostra evidente logo adiante no texto, quando, ao discorrer sobre a imperfeição essencial de toda doação da coisa espacial, Husserl adverte que “[...] *ser desta maneira imperfeita in infinitum faz parte da essência insuprimível da correlação entre coisa e percepção de coisa.*” (Husserl, 2006, p. 104, itálico do autor, negrito nosso). A imperfeição da doação da coisa, sempre dada por perfis, e seu conseqüente ser-dado fenomenal, são características eidético-fenomenológicas, concernentes à ‘correlação entre coisa e percepção de coisa’, como o texto afirma de maneira explícita. Por fim, basta atentarmos para as primeiras locuções de Husserl ao considerar os diferentes modos de doação daquilo que é transcendente ao vivido de consciência: “De qualquer gênero que seja, o ser transcendente, entendido como **ser para um eu**, só pode entrar como dado de maneira análoga a uma coisa, portanto, somente mediante aparições.” (Husserl, 2006, p. 104, itálico do autor, negrito nosso). Se considerarmos a leitura aqui proposta, vemos que o fraseado de Husserl não é gratuito: ele assenta as análises num terreno que já se

⁴³ “*Titel! Gezeigt ist, daß Transzendenz prinzipiell nur gegeben ist als Phänomen, das Immanente aber als ‘Absolutes’*”.

configura como fenomenológico, pois o transcendente que se anuncia na percepção é considerado justamente em seus limites, isto é, como um ‘ser para um eu’, e é apenas dessa perspectiva que ele é declarado como relativo e contingente. A mesma sutileza pode ser detectada na consideração do modo de doação do imanente: “O *vivido*, dissemos, não se exhibe. Isso implica que a percepção de vivido é vista simples de algo **dado (ou a ser dado) como “absoluto” na percepção** e não como o idêntico em modos de aparição por perfil.” (Husserl, 2006, p. 104-105, itálico do autor, negrito nosso). O vivido é “*dado como absoluto na percepção*”, o que significa: sua caracterização como absoluto é algo que deriva de seu modo de ser dado, e se mantém nesses limites – ou seja, enquanto dado, experienciado dessa forma –, sem avançar para algum tipo de metafísica da substância que arrancasse o dado de suas determinações *enquanto algo que é dado*, isto é, que desbordasse o campo legítimo de uma descrição fenomenológica. Além disso, também é preciso atentar para a contraposição estabelecida como marco para a delimitação do caráter absoluto do vivido: sua contraparte é a coisa (*Ding*), entendida como ‘o idêntico em modos de aparição por perfil’ – o que, conforme vimos na seção anterior, é uma determinação fenomenológica, e não ontológica.

7 A CORRELAÇÃO ESSENCIAL ENTRE CONSCIÊNCIA E MUNDO

Os próximos movimentos de Husserl são centrais para a determinação do sentido de seu idealismo. Uma vez tematizados os caracteres essenciais das doações imanente e transcendente, trata-se, nos §§ 47 e 48, de demonstrar a correlação essencial entre consciência e mundo, bem como a inultrapassabilidade dessa correlação. A ideia central é afastar, fenomenologicamente, toda suposição de um ‘em si’ metafísico inacessível à consciência.

No § 47, vemos Husserl argumentar a favor a tese de que o mundo natural é sempre correlato de uma consciência experienciante. A ideia é mostrar como a realidade, tanto em seu ‘é’ quanto em seu ‘é assim e assim’, guarda uma remissão inultrapassável à consciência que a experiencia:

Deve-se sempre observar aqui: *o que as coisas são* – as coisas **sobre as quais fazemos enunciados**, sobre cujo **ser ou não ser, ser deste ou daquele jeito**, podemos discutir e **nos decidir racionalmente** –, *elas o são como coisas da experiência*. É unicamente ela que lhes prescreve o seu *sentido*, e, uma vez que se trata de coisas fáticas, ela o prescreve como experiência atual em seus nexos empíricos de ordenação

determinada (Husserl, 2006, p. 111-112, *itálico do autor, negrito nosso*).

A experiência sensível demarca os limites de toda asserção racionalmente fundada sobre o mundo da *realitas* transcendente. A ideia da exigência de uma fundação racional para o discurso sobre os objetos reais remete à estratégia argumentativa empregada por Husserl em textos do período 1908-1913 sobre o idealismo.⁴⁴ Nesses textos, vemos Husserl fixar um marco incontornável para todo enunciado sobre objetos, o “princípio da atestabilidade” (*Prinzip der Ausweisbarkeit*): este declara que a posição (*Ansetzung*) de algo só é legítima (*rechtmäßig*) ou racional (*vernünftig*) se for remetida à possibilidade de sua atestação (*Ausweisung*) na experiência.⁴⁵ No caso de *Ideias I*, Husserl fala de uma “experiência de atestação” (*Ausweisende Erfahrung*), que constituiria “a medida de todos os enunciados racionais” acerca da transcendência real (espaço-temporal) (Husserl, 2006, p. 112). Assim, “[...] a ideia dessa transcendência é, portanto, o correlato eidético da ideia pura dessa experiência atestatória.” (Husserl, 2006, p. 112). Aqui, ao especificar a experiência como condição *sine qua non* para toda asserção racional sobre o mundo e seus objetos, podemos perceber uma nova aplicação, dentro do quadro do procedimento em ziguezague, do princípio de todos os princípios. O que havia sido fixado como o solo legítimo para os enunciados sobre o mundo físico (§ 39), a experiência sensível, agora é mostrado como sendo também o *limite racional* para qualquer discurso que verse sobre objetos reais. Não se trata de extrair à força algo que já não estivesse dado intuitivamente na experiência, ou de uma decisão injustificada sobre a correlação consciência-mundo, mas sim da clarificação continuada do sentido dessa própria experiência e de seu conteúdo essencial. A experiência demarca, ao mesmo tempo, o ‘de onde’ e o ‘até onde’ de todo discurso racional sobre o mundo:

Isso vale para qualquer espécie imaginável de transcendência que deva poder ser tratada como efetividade ou possibilidade. *Jamais um objeto existente é em si tal que não diga em nada respeito à consciência e ao “eu” da consciência.* A coisa é coisa do mundo circundante [*Umwelt*], mesmo a coisa não-vista, realmente possível, não experimentada, mas experimentável, ou melhor, talvez experimentável. *Possibilidade de experimentação jamais quer dizer possibilidade lógica vazia*, mas possibilidade *motivada* no nexa da experiência. Esse nexa é, de um

⁴⁴ Trata-se dos textos 1 a 5 da *Husserliana* XXXVI, dedicada ao tema do idealismo transcendental: Husserl, E. *Transzendentaler Idealismus. Texte aus dem Nachlass (1908-1921)*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2003.

⁴⁵ Cf. a introdução dos editores da *Husserliana* XXXVI, p. XV.

extremo a outro, um nexos de “motivação”, que acolhe sempre novas motivações e transforma as já formadas (Husserl, 2006, p. 112, grifo do autor).

No estabelecimento da correlação consciência-mundo, importa ressaltar que o mundo e seus objetos não se encerram naquilo que está dado a cada momento. Trata-se, antes, da *possibilidade* de uma atestação racional do transcendente. Como Husserl alerta, “A possibilidade é, aqui, um conceito central.” (Husserl, 2003, p. 12, tradução nossa).⁴⁶ Acima, vimos Husserl afirmar que a possibilidade de atestação que vincula inapelavelmente o objeto à consciência não pode ser simplesmente uma ‘possibilidade lógica vazia’, mas sempre uma possibilidade ‘motivada no nexos da experiência’. Para compreendermos o que está em jogo nessas afirmações, devemos retornar aos textos de 1908-1913.⁴⁷ A distinção elaborada por Husserl é entre possibilidades *ideais* e *reais*. Uma possibilidade *ideal* é uma “possibilidade vazia” (*leere Möglichkeit*) (Husserl, 2003, p. 12, tradução nossa), uma “mera possibilidade ideal” (*bloß idealen Möglichkeit*) (Husserl, 2003, p. 71, tradução nossa). Como tal, ela corresponde a tudo aquilo que possa ser “representável ou pensável” sem contradição (Husserl, 2003, p. 61, tradução nossa).⁴⁸ No caso de um objeto real, ela consiste, então, na possibilidade de que tal objeto seja representável intuitivamente por um sujeito qualquer, e não necessariamente por um sujeito atual (Husserl, 2003, p. 75). Uma vez que uma possibilidade ideal de um objeto real não necessita a referência a uma consciência atual, mas somente diz respeito à atestação por uma consciência possível em geral, ela não é uma possibilidade *motivada* pela experiência atual. Uma possibilidade *motivada* é uma possibilidade *real*, isto é, uma possibilidade fundada na experiência atual, que a sugere, ora mais, ora menos, como parte do decurso de uma experiência capaz de atestar um objeto em sua efetividade (Husserl, 2002, p. 178-179; 2003, p. 60-61, p. 76, p. 77). Isso significa que uma transcendência efetiva, mesmo que não dada atualmente, necessita desse vínculo que se traduz na possibilidade real de que ela possa vir a ser dada numa doação atestatória. A efetividade se mantém conectada, de modo mais ou menos mediado, ao mundo circundante da

⁴⁶ “Die Möglichkeit ist hier ein Hauptbegriff”.

⁴⁷ Além dos textos já indicados, também são importantes os §§ 48 e 61 da *Husserliana* XX/1, que contém os esforços de reelaboração da Sexta Investigação Lógica, datados de 1913. Cf. Husserl, E. *Logische Untersuchungen. Ergänzungsband. Erster Teil: Entwürfe zur Umarbeitung der VI. Untersuchung und zur Vorrede für die Neuauflage der Logischen Untersuchungen* (Sommer 1913). Dordrecht/Boston/London: Kluwer Academic Publishers, 2002.

⁴⁸ “[...] vorstellbar und denkbar”.

consciência atual, o que resulta na tese de que o mundo das ‘aparições’, da experiência, não transgride jamais o âmbito da experiência *realmente* possível. A extensão *in infinitum* do mundo para além do que é dado a cada vez na experiência conserva uma referência essencial e inultrapassável a um núcleo de atualidade experiencial.⁴⁹

Desse modo, a correlação entre consciência e mundo se encontra estabelecida ao fim do § 47 de *Ideias I*. No entanto, Husserl aprofunda essa vinculação à consciência experienciante ao afirmar, no § 48, que a possibilidade de um “mundo fora de nosso mundo” (Husserl, 2006, p. 113) seria somente uma “mera possibilidade lógica” (Husserl, 2006, p. 113). É preciso ter em mente as implicações que a objeção desse ‘mundo fora de nosso mundo’ teria para as pretensões da fenomenologia, especialmente a partir da assunção das teses idealistas, que terão lugar logo adiante no texto, no § 49. Com efeito, caso a suposição de um mundo desconectado de nossa experiência atual pudesse ser admitida racionalmente – ou seja, de modo fundado na experiência –, o famoso experimento de pensamento do “aniquilamento do mundo” (Husserl, 2006, p. 114), que desempenha papel chave na demonstração da validade do idealismo da fenomenologia, não teria o peso que lhe cabe. Pois, dado que poderia haver outro mundo fenomênico não vinculado por princípio ao nosso mundo circundante atual, seria forçoso admitir que esse mundo restaria intocado em seu ser pela destruição de nosso mundo atual, acarretada por um curso incessantemente discrepante de experiências, incapaz de fornecer qualquer atestação de um ser real, como o vemos no § 49. De modo ainda mais preocupante: essa possibilidade poderia ser vista como a reinserção, no coração da correlação consciência-mundo recém demonstrada, de uma perspectiva realista, pois seria reinstaurada uma cisão ‘mundo para mim/mundo em si’.

É contra esse tipo de sobrevida de qualquer posição realista que Husserl questiona – sempre *fenomenologicamente* – pelo tipo de atestação que essa possibilidade exigiria; e esse movimento a revela como um contrassenso:

Se perguntarmos, porém, pelas condições eidéticas de sua validez [da hipótese], pela espécie de atestação exigida pelo seu sentido, se perguntamos pela espécie de atestação em geral determinada por princípio pela tese de um transcendente – não importa de que maneira possamos legitimamente generalizar sua essência –, reconhecemos que ele tem de ser necessariamente *experimentável*, e não apenas para um eu pensado mediante mera possibilidade lógica, mas por algum eu

⁴⁹ Cf. Husserl, 2006, p. 112.

atual, enquanto unidade atestável de seus nexos de experiência (Husserl, 2006, p. 113, grifo do autor, tradução modificada).

Por que tal possibilidade configuraria um contrassenso? Porque, a fim de encontrar sua atestação racional, ela deveria ser motivada no nexo da experiência atual. No entanto, pelo seu próprio sentido, ela não pode derivar de tal motivação, uma vez que ela seria a possibilidade de algo que não pode ser experienciado pelo eu atual, ou seja, um mundo desconectado de nosso mundo:

A possibilidade lógico-formal de realidades fora do mundo, fora do *único* mundo espaço-temporal que está *fixado* por nossa experiência *atual*, se mostra efetivamente como contrassenso. Se há em geral mundos, coisas reais, então as motivações constituintes da experiência têm de *poder* chegar até a minha experiência e a de cada outro eu, da maneira geral acima caracterizada (Husserl, 2006, p. 114, grifo do autor).

A impossibilidade de princípio de uma doação que motivasse (realmente) aquilo que não poderia ser dado em experiência a partir de nosso núcleo de doação atual revela que essa suposição é um contrassenso, pois contrária ao próprio sentido daquilo que pode emergir como atestável pela experiência. O ponto central, aqui, é compreender que, fenomenologicamente, só seria possível a asserção de um mundo que não este de nossa experiência contínua, sempre dado como ‘disponível’, se a experiência pudesse motivar aquilo que, por princípio, não poderia nos estar acessível. Ou, numa linguagem mais afim aos conceitos discutidos acima: deveria haver uma possibilidade real daquilo que, por essência, não poderia *jamais* ser uma possibilidade real, pois se trataria da experiência daquilo que não poderia jamais entrar na experiência.

Assim, ao final do § 48, o que resulta é a afirmação categórica da correlação inultrapassável entre o mundo fático de nossa experiência atual e a(s) consciência(s) que o experientia(m).⁵⁰ É nesse ponto que gostaríamos de indicar o que consideramos primordial para uma compreensão fenomenológica do idealismo a ser anunciado logo em seguida no texto de *Ideias I*. Com efeito, nas seções 47 e 48 temos o ponto máximo da orientação descritivista adotada no percurso da ‘Consideração’, pois acreditamos que é aqui que Husserl faz desaguar o que ele luta arduamente para tornar visível ao seu leitor

⁵⁰ Embora não possamos nos deter em todas as dificuldades acarretadas pela consideração da dimensão intersubjetiva da experiência do mundo, Husserl afirma, em *Ideias I*: “O que é cognoscível para *um* eu, tem de ser *por princípio* cognoscível para *todo e qualquer* eu” (Husserl, 2006, p. 113, grifo do autor).

ao longo de sua exposição, a saber: que uma vez que nos detenhamos descritivamente (fenomenológica-intuitivamente) no que se dá, *tal como se dá*, e nos limites em que se dá, não há nada na própria doação – no próprio fenômeno, naquilo que se mostra – que nos remeta para um ‘além’ da consciência, efetiva e (realmente) possível. E isso precisamente porque o percurso é, desde seus inícios, *fenomenológico*; um caminho no qual o ‘descrito enquanto tal’, desdobrado ao longo do itinerário perpassado pelo método em ziguezague, ganha camadas de sentido à medida que seu estatuto como objeto *de* experiência se torna mais e mais claro no decorrer do texto. É exatamente como tal que ele exige, para sua posição racional, uma fundação na experiência. O que deve se submeter ao princípio da atestabilidade não é uma ‘coisa em si’ metafisicamente substancial, mas o objeto enquanto dado intuitivamente, e nos limites dessa intuitividade. O relato husserliano começa num registro fenomenológico e aí se mantém de maneira consequente, não havendo qualquer passagem indevida a teses de ordem metafísica. É essa fidelidade ao dado que nos levará intuitivamente à afirmação das teses idealistas.

8 O ‘ANIQUILAMENTO DO MUNDO’ E O IDEALISMO FENOMENOLÓGICO

Resta a Husserl, agora, extrair as conclusões mais extremas das análises conduzidas até esse ponto do texto. O que o filósofo demonstra no conhecido § 49 de *Ideias I* é o caráter absoluto da consciência transcendental, bem como a relatividade do mundo da experiência frente a ela. Esse movimento lhe permite estabelecer a já anunciada separabilidade de princípio da consciência como resíduo fenomenológico da *epoché*.

A fim de fundar as duas teses do idealismo transcendental da fenomenologia, Husserl propõe o bem conhecido ‘experimento de pensamento’ do “aniquilamento do mundo” (Husserl, 2006, p. 114): a hipótese de um curso discordante *in infinitum* de fenômenos, no qual nenhuma unidade objetual poderia se constituir, e, do mesmo modo, no limite, nenhum mundo da experiência – quadro em que a consciência se manteria intocada em seu ser, pois sua doação não é perfilada e presuntiva como a do mundo transcendente (Husserl, 2006, p. 114-115). Em sentido inverso, Husserl sugere que imaginemos, ainda, uma consciência em que os nexos necessários à constituição de seus objetos se realizassem constantemente, o que, portanto, resultaria no contrassenso de se conceber sua não existência (Husserl, 2006, p. 115). É nesse duplo movimento de ‘destruição’ e de ‘reconstrução’ do mundo experienciado que emerge o idealismo husserliano de *Ideias I*:

O ser imanente é, portanto, indubitavelmente ser absoluto no sentido de que ele, por princípio, nulla “re” indiget ad existendum. Por outro lado, o mundo da “res” transcendente é inteiramente dependente da consciência, não da consciência pensada logicamente, mas da consciência atual (Husserl, 2006, p. 115, grifo do original).

Ao fixar a absolutez da consciência e a relatividade do mundo, Husserl subverte a ordem dos termos de uma função aparentemente bem conhecida pelo senso comum da atitude natural, e mesmo pelo naturalismo filosófico operante à época:⁵¹

É assim que se inverte o sentido comum do discurso sobre o ser [*Seinsrede*]. O ser que para nós é o primeiro, é em si o segundo, ou seja, ele é o que é somente em “referência” ao primeiro. Não que uma cega ordem de coisas tivesse estabelecido que a *ordo et connexio rerum* tivesse de se orientar pela *ordo et connexio idearum*. A realidade, tanto a realidade da coisa tomada isoladamente, como a realidade do mundo inteiro, é por essência (no nosso sentido rigoroso) desprovida de independência. Ela não é em si algo absoluto e que secundariamente se submete a um outro, mas, no sentido absoluto, não é nada, não tem “essência absoluta”, tem a essencialidade de algo que é por princípio apenas um intencional, um conscientizado, um representado, um aparecimento na forma da consciência (Husserl, 2006, p. 116-117, grifo do autor).

Nesse ponto (§ 50), notamos que é somente após a instauração da dupla tese do idealismo transcendental que se realiza efetivamente a redução fenomenológica: o idealismo, em *Ideias I*, age, a um só tempo, como *motivação* e como *justificação* para a implementação da *epoché* fenomenológica:⁵²

Voltemos agora nossos pensamentos novamente ao primeiro capítulo, a nossas considerações sobre a redução fenomenológica. Está claro agora que de fato, em contraposição à atitude teórica natural, cujo correlato é o mundo, uma nova atitude tem de ser possível, a qual, a despeito de colocar fora de circuito o todo da natureza psicofísica, conserva ainda algo – o campo inteiro da consciência absoluta. Em vez, portanto, de viver ingenuamente na experiência e de investigar teoricamente aquilo que se experimenta, a natureza transcendente, **efetuamos a “redução fenomenológica”**. Noutras palavras, em vez de *efetuar* de modo ingênuo os atos de competência da consciência constituinte da natureza, com suas teses transcendentais, e de nos deixar determinar a sempre novas teses transcendentais pelas motivações neles

⁵¹ O que está filosoficamente em jogo nestas passagens é a superação da metafísica implícita no naturalismo, que via no estrato material da natureza o fundamento para a consciência, como Husserl já o denunciava no conhecido artigo *Philosophie als Strengwissenschaft*, em 1911. Cf. Husserl, E. *Aufsätze und Vorträge (1911-1921)*. Dordrecht/Boston/Lancaster: Martinus Nijhoff, 1987, p. 8-9. Sobre o papel filosófico da crítica ao naturalismo contida no trecho em discussão, ver: Hopkins, 2015, p. 119-120.

⁵² Como observa corretamente Lavigne (2009, p. 20-29).

contidas –, nós colocamos todas essas teses “fora de ação”, não compartilhamos delas; dirigimos nosso olhar que apreende e investiga teoricamente para a *consciência pura em seu ser próprio absoluto*. Isso, portanto, é o que resta como o *resíduo fenomenológico* que se buscava, e resta, embora tenhamos “posto” o mundo inteiro, com todas as coisas, os seres vivos, os homens, inclusive nós mesmos, “fora de circuito”. Não perdemos propriamente nada, mas ganhamos todo o ser absoluto, o qual, corretamente entendido, abriga todas as transcendências mundanas, as “constitui” em si (Husserl, 2006, p. 117, *itálico do autor*, **negrito nosso**, tradução modificada).

Aqui, importa notar que o idealismo transcendental não é o resultado de um *fiat*, conjurado de imediato pela redução fenomenológica. Seu sentido é mais sutil, e, ao mesmo tempo, mais profundo e filosoficamente mais rico, pois as teses idealistas são o termo de um percurso descritivo-fenomenológico, do qual elas emergem como resultado necessário.⁵³ Uma vez que nos deixemos vincular por uma descrição que se atenha ao sentido do dado, enquanto dado, e nos limites em que é dado, resta que não há lastro racional para a suposição de um ‘além’ do dado, um em si metafísico absolutamente transcendente àquilo que se deixa atestar nos nexos de vividos de consciência. Enquanto algo dado – e fielmente descrito como tal –, os objetos do mundo, e, no limite, o próprio mundo, são dependentes da consciência que os experiencia (ou que se liga a eles por uma cadeia de possibilidades reais de doação).

Consoante ao percurso do texto da ‘Consideração’, o próprio experimento do ‘aniquilamento do mundo’, ponto crítico de toda a exposição, deve ser entendido como um movimento fenomenológico: somente nesse registro é que um decurso conflitante de experiências poderia corresponder ao não ser do mundo. É difícil imaginar como a consciência poderia permanecer intocada, a despeito da destruição do mundo (por exemplo, se o universo fosse destruído por uma explosão).⁵⁴ Por conseguinte, também os resultados da possibilidade ideal de uma aniquilação do mundo da experiência devem ser tomados em sentido fenomenológico: a mundo tem uma realidade presuntiva enquanto algo dado, do mesmo modo que a consciência, como fluxo de vividos intencionais, possui uma posição absoluta, enquanto algo que se dá desse modo. Os limites desse discurso devem ser corretamente estabelecidos, para que o idealismo husserliano não se veja preso

⁵³ No *Posfácio às Ideias*, Husserl afirma que o percurso até a realização da redução já é uma peça de meditação fenomenológica (Husserl, 1971, p. 151).

⁵⁴ Esse argumento é apresentado, com outra finalidade, por Overgaard (2002, p. 211).

em leituras enviesadas, que não façam jus ao seu sentido legítimo e filosoficamente adequado.

Nesse ponto, é interessante indicar em que a leitura proposta se distancia das leituras metafísicas e também das deflacionárias (apontadas no início de nossa exposição). De um lado, não se trata de uma leitura metafísica, pois não há um ‘em si e por si’ que seja ‘tragado’ para o interior da consciência, como se uma esfera metafisicamente substancial fosse reduzida a outra. O mundo que se mostra como correlato intencional da consciência é aquele vinculado ao ‘descrito enquanto tal’. Por outro lado, também não se está defendendo alguma variante deflacionária, como se o domínio fenomenológico fosse alguma sorte de ‘resto’ após a suspensão da efetividade natural. Novamente, não há um domínio metafisicamente ‘em si’ (ou cujo estatuto permaneça problemático), que seria afastado da investigação, temporária ou definitivamente. A tese de que o idealismo de Husserl é eminentemente fenomenológico se distingue das interpretações indicadas porque estas são dependentes dos esquemas conceituais apontados: as metafísicas, da assunção de um ‘em si’ transcendente cujo estatuto metafísico *de jure* seria solapado em favor de um ente, a consciência;⁵⁵ as deflacionárias, da cisão, conceitualmente fundamental para sua inteligibilidade, entre as ordens do *ser* e do *aparecer*,⁵⁶ em relação à qual a fenomenologia restaria alijada da investigação da primeira, para se concentrar naquilo que daí restaria como seu campo legítimo de pesquisas. Nada disso acontece no texto de *Ideias I*: não se aborda um ‘em si’ do mundo para, em seguida, privá-lo de suas determinações metafísicas; e tampouco se isola o domínio da consciência de algo que ‘sobra’ para além dela. Como Husserl explica, “[...] a exclusão de circuito tem ao mesmo tempo o caráter de uma mudança de valor dos sinais, e, com esta, aquilo que teve seu valor invertido se insere de novo na esfera fenomenológica” (Husserl, 2006, p. 165, grifo do autor).

⁵⁵ Que uma interpretação metafísica do idealismo dependa desse quadro de inteligibilidade, é algo que pode ser depreendido do sentido do mais célebre dos idealismos metafísicos, o berkeleyano: a existência de uma substância material é demonstrada como absurda, em favor da substância espiritual. Cf. Berkeley, 2010, p. 68-71.

⁵⁶ A ideia de fundo dessa afirmação é tomada de Zahavi (1994, p. 53; 2003, p. 14-15; 2017, p. 69). Essa oposição entre ser e aparecer ameaça reinscrever, no campo da fenomenologia de Husserl, uma “[...] teoria dos dois mundos” (*two-world theory*), decorrência da “possibilidade uma distinção principial entre o mundo tal como compreendido por nós e o mundo tal como é em si mesmo”; entretanto, “é justamente essa possibilidade e essa distinção que ele [Husserl] rejeita.” (Zahavi, 2017, p. 59, tradução nossa)*.

* (“[...] possibility of a principled distinction between the world as it is understood by us and the world as it is in itself [...] it is exactly this possibility and this distinction that he rejects”).

Ainda, é importante compreender corretamente o vetor segundo o qual a argumentação de Husserl progride. Não se trata de partir de certas determinações metafísicas assumidas de antemão, mesmo que não explicitamente, para, então, tomar uma das duas direções: ou bem reduzir todo ‘em si’ a um ‘para mim’ (ou ‘para nós’), manobra fenomenologicamente ilegítima e inadequada; ou bem renunciar a esse ‘em si’ em favor daquilo que restaria de sua exclusão (seja num sentido metafísico, semântico ou epistemológico). A estratégia de Husserl assegura outro ponto de partida e segue um caminho distinto: uma vez instalado um início propriamente fenomenológico-descritivo, mostra-se que a assunção de um ‘em si’, para além daquilo que se dá e cuja legitimidade se confirma na experiência, é uma hipótese que não possui fundamento fenomenológico na experiência, alçada a juiz de tudo o que possa ser asserido racionalmente. O argumento, portanto, é fenomenológico, desde seu começo até seu clímax – qual seja, a afirmação das teses idealistas.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O idealismo de Husserl é, antes de mais nada, *fenomenológico*. Longe de ser uma redundância ou trivialidade, o que essa ideia indica é o espaço de sentido a partir do qual se deve apreender e considerar a posição husserliana. Esse espaço de sentido é demarcado por um procedimento que se revela, desde seu início, como fenomenológico. Ele instaura seu campo próprio de inteligibilidade, atendendo ao imperativo metodológico da ausência completa de pressupostos. É preciso, portanto, deslocar a ênfase quando consideramos o qualificativo atribuído por Husserl a sua posição filosófica – trata-se, afinal, de um idealismo transcendental-*fenomenológico*. Pois essa postura deriva de uma atenção descritiva àquilo que se dá, na medida em que se dá, e nos limites em que se dá; atenção que resulta no *insight* de que o objeto de experiência só é o que é no quadro delineado por aquilo que é condição para toda experiência: a correlação intencional consciência-objeto de consciência.

Longe de constituir um empreendimento *a priori* irrealizável – uma interpretação capaz de encerrar as disputas exegéticas acerca do sentido do idealismo husserliano –, nossa investigação teve como objetivo retomar essa discussão e apontar uma direção interpretativa que possa se mostrar mais a fim à letra de Husserl (aqui, especificamente,

ao texto de *Ideias I*⁵⁷ e, principalmente, encetar uma via exegética aceitável para a futura consideração de uma série de temas relacionados ao idealismo transcendental da fenomenologia husserliana, e que se impõem no horizonte de uma compreensão sua que se pretenda correta: a questão da autofundação da fenomenologia transcendental, seu papel como fundamento para as demais ciências filosóficas e positivas, os problemas epistemológicos concernentes à transcendência do objeto cognoscível, o sentido e a função da redução fenomenológica e sua relação com o idealismo, a recusa dos realismos e idealismos da história da filosofia, a abordagem da dimensão intersubjetiva da vida do *ego* transcendental etc.

No âmbito da elaboração de uma interpretação do idealismo transcendental da fenomenologia husserliana, entendemos que uma fundamentação adequada da tese aqui proposta exige análises mais detalhadas, bem como a consideração de uma série de questões que se vinculam ao tema central de nosso estudo. No entanto, acreditamos que as linhas mestras para estabelecer a leitura elaborada como uma possibilidade interpretativa estejam assentadas. Sobretudo, resulta de nossa investigação a necessidade de que se compreenda a inadequação de se importar medidas que sejam filosoficamente incompatíveis com a posição de Husserl, pois alheias à orientação fenomenológica que prepara o caminho da própria fenomenologia. O risco que se corre ao não observar essas condições de inteligibilidade da posição husserliana é o de fazer do Pai da fenomenologia uma cópia pálida de si mesmo, perdendo, desse modo, a originalidade e a potência filosófica de suas ideias. É nessa direção que acreditamos que nosso estudo seja uma contribuição válida para a compreensão do idealismo *fenomenológico* de Husserl.

⁵⁷ Temos ciência de que em outros textos de Husserl a redução fenomenológica surge *antes* da afirmação do idealismo transcendental como interpretação da fenomenologia, ou seja, num movimento textual inverso daquele apresentado em *Ideias I*. É o caso das *Conferências de Paris* e das *Meditações cartesianas* (cf. Husserl, 2010, p. 43, p. 125ss). No texto das lições de *Filosofia primeira*, que apresenta a mesma anterioridade da redução, Husserl chega a afirmar que sua efetuação já conteria em si o caminho para o idealismo transcendental (Husserl, 1959, p. 181). Os impactos dessa inversão entre idealismo e redução para o sentido do primeiro, se ela acarreta alguma consequência para esse sentido, ou se se trata somente de uma questão de ordem pedagógica (enquanto introdução ao domínio e à metódica da fenomenologia), são temas que, aqui, necessariamente restam por ser investigados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMERIKS, K. Husserl's Realism. Em: *The Philosophical Review*, Vol. 86, [s.l.], No. 4, p. 498-519, oct. 1977.
- BENOIST, J. *Phénoménologie, sémantique, ontologie*. Husserl et la tradition logique autrichienne. Paris: PUF, 1997.
- BERKELEY, G. *Obras filosóficas*. São Paulo: Unesp, 2010.
- BERNET, R. Husserl's Transcendental Idealism Revisited. Em: *The New Yearbook for Phenomenology and Phenomenological Philosophy*, [s.l.], v. 4, p. 1-20, 2004.
- BIEMEL, W. Introdução do editor. Em: HUSSERL, E. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 2008, p. 9-14.
- BRAINARD, M. *Belief and its Neutralization*. Husserl's System of Phenomenology in *Ideas I*. Albany: State University of New York Press, 2002.
- CARR, D. *The Paradox of Subjectivity: The Self in the Transcendental Tradition*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1999.
- CROWELL, S. G. *Husserl, Heidegger, and the Space of Meaning: Paths to Transcendental Philosophy*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2001.
- DE PALMA, V. Ist Husserls Phänomenologie ein transzendentaler Idealismus? Em: *Husserl Studies*, [s.l.] vol. 21, p. 183-206, 2005.
- FINK, E. The Phenomenological Philosophy of Edmund Husserl and Contemporary Criticism. Em: ELVETON, R. O. (ed.). *The Phenomenology of Husserl*. Chicago: Quadrangle Books, 1970, p. 73-147.
- GADAMER, H.-G. *Philosophical Hermeneutics*. Berkeley, Los Angeles; London: University of California Press, 1976.
- HALL, H. Was Husserl a Realist or an Idealist? Em: DREYFUS, Hubert. L.; HALL, Harrison. (ed.). *Husserl, Intentionality and Cognitive Science*. Cambridge, MA: MIT Press, 1982, p. 169-90.
- HARDY, L. *Nature's Suit: Husserl's Phenomenological Philosophy of the Physical Sciences*. Athens: Ohio University Press, 2013.
- HOLMES, R. Is Transcendental Phenomenology Committed to Idealism? Em: *The Monist*, [s.l.], vol. 59, No. 1, p. 98-114, 1975.
- HUSSERL, E. *Erste Philosophie (1923/24)*. Zweiter Teil. Theorie der phänomenologischen Reduktion. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1959.
- HUSSERL, E. *Briefe an Roman Ingarden*. Mit Erläuterungen und Erinnerungen an Husserl. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1968.
- HUSSERL, E. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Drittes Buch: Die Phänomenologie und die Fundamente der Wissenschaften. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1971.
- HUSSERL, E. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Erstes Buch. Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1976a.

HUSSERL, E. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Erstes Buch. Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie. 2. Halbbande. Ergänzende Texte (1912-1929). Den Haag: Martinus Nijhoff, 1976b.

HUSSERL, E. *Aufsätze und Vorträge (1911-1921)*. Dordrecht/Boston/Lancaster: Martinus Nijhoff, 1987.

HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen. Ergänzungsband*. Erster Teil: Entwürfe zur Umarbeitung der VI. Untersuchung und zur Vorrede für die Neuauflage der Logischen Untersuchungen (Sommer 1913). Dordrecht/Boston/London: Kluwer Academic Publishers, 2002.

HUSSERL, E. *Transzendentaler Idealismus. Texte aus dem Nachlass (1908-1921)*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2003.

HUSSERL, E. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Introdução geral à fenomenologia pura. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

HUSSERL, E. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 2008.

HUSSERL, E. *Meditações cartesianas e Conferências de Paris*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2010.

HUSSERL, E. *Investigações lógicas*. Segundo volume, parte I: Investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a.

HUSSERL, E. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b.

INGARDEN, R. *On the Motives Which Led Husserl to Transcendental Idealism*. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1975.

KOHÁK, E. *Idea and Experience: Edmund Husserl's Project of Phenomenology in Ideas I*. Chicago: University of Chicago Press, 1978.

LAVIGNE, J.-F. *Husserl et la naissance de la phénoménologie (1900-1913)*. Paris : PUF, 2005.

LAVIGNE, J.-F. *Accéder au transcendantal ? Réduction et idéalisme dans les Idées I de Husserl*. Paris: Vrin, 2009.

LOIDOLT, S. Transzendentalphilosophie und Idealismus in der Phänomenologie. Em: *Metodo. International Studies in Phenomenology and Philosophy*, [s.l.], Special Issue, n. 1, p. 103-35, 2015.

LUFT, S. From Being to Givenness and Back: Some Remarks on the Meaning of Transcendental Idealism in Kant and Husserl. Em: *International Journal of Philosophical Studies*, [s.l.], vol. 15, n. 3, p. 367-394, 2007.

MELLE, U. Husserls Beweis für den transzendentalen Idealismus. In: IERNA, Carlo; JACOB, Hanne; MATTENS, Filip. Em: *Philosophy, Phenomenology, Sciences*. Essays in Commemoration of Edmund Husserl. Dordrecht/Heidelberg/London/New York: Springer, 2010, p. 93-106.

OVERGAARD, S. Epoché and Solipsistic Reduction. Em: *Husserl Studies*, [s.l.], vol. 18, n. 3, p. 209–222, 2002.

- PHILIPSE, H. Transcendental Idealism. In: SMITH, B.; SMITH, D. W. (ed.). Em: *The Cambridge Companion to Husserl*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 239-322, 1995.
- ROLLINGER, R. D.; SOWA, R. Einleitung. Em: HUSSERL, E. *Transzendentaler Idealismus. Texte aus dem Nachlass (1908-1921)*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, p. IX-XXXVII, 2003.
- SANDMEYER, B. *Husserl's Constitutive Phenomenology. It's Problem and Promise*. New York/London: Routledge, 2009.
- SEBOLD, R. *Continental Anti-realism: A Critique*. London, New York: Rowman & Littlefield, 2014.
- SMITH, A. D. *Husserl and the Cartesian Meditations*. London, New York: Routledge, 2003.
- SMITH, D. W. *Husserl*. London/New York: Routledge, 2007.
- SOKOLOWSKI, R. *The Formation of Husserl's Concept of Constitution*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1970.
- SPIEGELBERG, H. *The Phenomenological Movement. A Historical Introduction. Volume 1*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1971.
- TENGELYI, L. Der methodologische Transzendentalismus der Phänomenologie. In: IERNA, Carlo; JACOB, Hanne; MATTENS, Filip. Em: *Philosophy, Phenomenology, Sciences. Essays in Commemoration of Edmund Husserl*. Dordrecht/Heidelberg/London/New York: Springer, 2010, p. 135-53.
- WALLNER, I. In Defense of Husserl's Transcendental Idealism: Roman Ingarden's Critique Re-examined. Em: *Husserl Studies*, [s.l.], vol. 4, issue 1, p. 3-43, 1987.
- ZAHAVI, D. Beyond Realism and Idealism: Husserl's Late Concept of Constitution. Em: *Danish Yearbook of Philosophy*, [s.l.], vol. 29, p. 44-62, 1994.
- ZAHAVI, D. Phenomenology and Metaphysics. Em: ZAHAVI, D.; HEINÄMAA, S.; RUIN, H. (eds.) *Metaphysics, Facticity, Interpretation: Phenomenology in the Nordic Countries*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2003, p. 3-22.
- ZAHAVI, D. *Husserl's Legacy: Phenomenology, Metaphysics, and Transcendental Philosophy*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

Recebido em: 02/02/2024 | Aprovado em: 30/11/2024